



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ELISAMA LIMA DA SILVA

Ser Nebet-Per, ou a Senhora da Casa:
Uma imersão nas vivências das mulheres egípcias no Reino Novo
(c.1550-1070 a.E.C.)

João Pessoa, Paraíba

2026

ELISAMA LIMA DA SILVA

Ser Nebet-Per, ou a Senhora da Casa:
Uma imersão nas vivências das mulheres egípcias no Reino Novo
(c.1550-1070 a.E.C.)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em História, pelo Curso de
História da Universidade Federal da Paraíba.
Orientadora: Prof^ª Dra. Serioja Rodrigues
Cordeiro Mariano

João Pessoa, Paraíba

2026

ELISAMA LIMA DA SILVA

Ser Nebet-Per, ou a Senhora da Casa:
Uma imersão nas vivências das mulheres egípcias no Reino Novo
(c.1550-1070 a.E.C.)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em História, pelo Curso de
História da Universidade Federal da Paraíba.

Aprovado em: 26 / 03 / 2026

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano
DH/UFPB

Profª Dra. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne
DLCV/UFPB

Profº Ms. Wanderson Alberto da Silva
SEE-PB/PPGH-UFPB

Dedico este trabalho a vô Nino,
que me perguntava o que eu queria ser quando crescer,
mas que não está comigo vivendo a realização dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ser o meu melhor amigo e ajudador, por ter me concedido forças e sabedoria em todos os momentos da minha vida.

Agradeço a mim mesma, pelo respeito e lealdade com o meu sonho, pela determinação em fazer acontecer e resiliência que não me permitiu desistir.

Agradeço imensamente a minha querida orientadora, Profa Dra Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano, por todos os conselhos, orientações, companheirismo e apoio ao longo da graduação.

Agradeço a Universidade Federal da Paraíba pelas oportunidades, pelas bolsas de Iniciação à Docência (PIBID, 2022/2024), de Monitoria (2024/2025) e de Iniciação à Pesquisa (PIBIC, 2025/2026), assim como os auxílios do Restaurante Universitário e Moradia, que me permitiram a realização deste sonho, e pelo suporte técnico, em nome de Zé Carlos e Max.

Agradeço a todos os meus professores, desde àqueles da educação básica, que me fizeram acreditar na educação, àqueles da graduação, que me auxiliam todos os dias a me tornar a professora que sempre sonhei ser.

Agradeço a todos que fazem parte do ANKH - Grupo de Pesquisa e Ensino do Antigo Egito (CNPq/UFPB), em nome dos professores Wanderson Silva (Dinho), Serioja Mariano e Lúcia Serpa.

Agradeço ao *Mulheres em Cena: Feminismos e Decolonialidade*, projeto de extensão que me deu a oportunidade de conhecer outras mulheres da nossa cultura nordestina, que são pura força e resistência, em nome da Profa Dra Luciana Calado.

Agradeço aos meus companheiros de curso e de sonhos, todos os meus amigos que me acompanharam em minha jornada ao longo da graduação, em nome das minhas queridas amigas Madu, Olívia e Mel, e dos meus queridos amigos Márcio, Lucicleiton e Gabriel, e a todos os demais que contribuíram para a formação da profissional e da pessoa que sou hoje.

Agradeço a Rickelmy e Filipe, pelas risadas, pelos momentos de choro e pelas distrações durante a escrita deste trabalho.

Agradeço aos meus queridos amigos de Letras - Português, Henrique, Marcos e Marcelo, pelas conversas, risadas e aprendizados.

Um agradecimento especial a minha querida amiga Eulália, que me acompanha na jornada acadêmica desde o Ensino Médio, como mentora e amiga, que me ajudou em todas as

instâncias da minha vida. E ao meu querido amigo Pedro, pelas conversas, risadas e por toda a ajuda nos momentos difíceis.

Agradeço a minha família em Jesus Cristo, da Congregação Cristã no Brasil, que oram e zelam por mim todos os dias e que se tornaram parte da minha vida.

À minha mainha Lúcia, ao meu pai Erinaldo, ao meu irmão Eliseu e à minha vovó Francisca, a família que Deus me deu a graça de pertencer, e que são o meu suporte e a minha inspiração para continuar. A todos, os meus mais sinceros agradecimentos.

RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso, debruçamo-nos sobre a história das mulheres egípcias, como a Dama Ankhiry, a Dama Naunakhté e a Dama Rennefer, tratando sobre as permanências e continuidade na atuação feminina no Antigo Egito, com foco na titulação *Nebet-Per*, ou a *Senhora da Casa*. Este título surge em meados do Reino Médio (c. 2040-1640 aEC) e se firma ao longo do Reino Novo (c. 1550-1070 aEC). A partir de pesquisas realizadas durante a Monitoria de História Antiga I (UFPB), a Iniciação Científica e as discussões no ANKH – Grupo de Pesquisa e Ensino do Antigo Egito (CNPq/UFPB), que nos deu aporte teórico e acesso a fontes históricas como a Literatura e a Iconografia, baseadas na historiografia sobre os antigos egípcios. Iniciamos, desse modo, traçando um caminho historiográfico, passando pela História das Mulheres e as egípcias antigas, para, a seguir, articularmos a metodologia de trabalho com as vivências dessas mulheres, procurando, portanto, analisar as práticas cotidianas egípcias em torno da atuação social das *Senhoras da Casa*.

Palavras-Chave: História das Mulheres; Antigo Egito; Mulheres Egípcias; *Senhora da Casa*.

ABSTRACT

In this final course work, we look at the history of Egyptian women, such as Dama Ankhiry, Dama Naunakhté and Dama Rennefer, dealing with the permanences and continuity in female performance in ancient Egypt, focusing on the title *Nebet-Per*, or *Lady of the House*. This title arises in the middle of the Middle Kingdom (c. 2040-1640 bCE) and is signed throughout the New Kingdom (c. 1550-1070 bCE). From research conducted during the Monitoring of Ancient History I (UFPB), the Scientific Initiation and discussions at the ANKH - Research and Teaching Group of Ancient Egypt (CNPq/UFPB), which gave us theoretical input and access to historical sources such as literature and iconography, based on the historiography of the ancient Egyptians. We began, in this way, tracing a historiographical path, going through the history of women and ancient Egyptians, to then articulate the methodology of work with the experiences of these women, seeking, therefore, analyze the everyday Egyptian practices surrounding the social performance of the *Ladies of the House*.

Key Words: History of Women; Ancient Egypt; Egyptian Women; *Lady of the House*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Egito	12
Figura 2 -Capa do livro <i>Women in Ancient Egypt</i> (1991) de Barbara Watterson	24
Figura 3 - Capa do livro <i>A mulher no tempo dos faraós</i> (1994) de Christiane Desroches Noblecourt	25
Figura 4 - Capa do livro <i>As Egípcias: Retratos de Mulheres do Egito Faraônico</i> (2000), de Christian Jacq	27
Figura 5 - Capa do livro <i>Compêndio Histórico de Mulheres da Antiguidade</i> (2021), organizado por Semíramis Corsi Silva, Rafael Brunhara e Ivan Vieira Neto	28
Figura 6 - Capa da tese <i>Mãe, filha, esposa, irmã: Um estudo iconográfico acerca da condição da mulher no antigo Egito durante a XIX dinastia (1307-1196 a.C.) - O caso de Deir el-Medina</i> (2005), de Haydée Oliveira	29
Figura 7 - estatueta de uma mulher amamentando uma criança e sendo cuidada por outra .	36
Figura 8 - Escultura de Seneb, sua esposa e seus dois filhos	38
Figura 9 - Mulheres tocam seus instrumentos e, no centro, a figura de uma menina que aprende com elas	38
Figura 10 - Carpideiras no cortejo fúnebre representado na tumba do vizir Ramose, em Gurna	43
Figura 11 - Na cena, vemos, à direita, um barco sendo descarregado nas margens do rio Nilo, e, ao seu redor, mulheres negociando. Tumba n.º 217 do cemitério de Deir el-Medina	44
Figura 12 - Recorte da figura anterior. Canto superior esquerdo	44
Figura 13 - Tutankamon sentado e sua esposa Ankhsenamon a sua frente	47
Figura 14 - Estátua de Raherka junto a sua esposa Meresankh (IV-V Dinastia, c. 2350 aEC, Necrópole de Gizé)	49
Figura 15 - Estátua de uma família da XVIII Dinastia	50
Figura 16 - Casal passando um tempo juntos, com um jogo de tabuleiro (TT001 Sennedjem, Deir el-Medina)	53
Figura 17 - Nefertiti e Akhenaton representados lado a lado	55
Figura 18 - Nefertiti e Akhenaton e suas filhas em momento de afeto familiar, resguardados pelos raios solares	55
Figura 19 - A túnica da Dama ...imentet, relacionada ao culto da deusa Hathor (Deir el-Bahari, Tebas)	58
Figura 20 - Reconstrução de uma casa em Deir el-Medina por Bruyère (1939)	60

Figura 21 - Reconstrução de uma casa em Deir el-Medina por Bruyère (1939), traduzido por Haydée Oliveira (2005), a partir de uma adaptação de Gay Robins (1996) 61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

DE ENCONTRO COM A HISTÓRIA DAS MULHERES EGÍPCIAS	13
--	----

CAPÍTULO I

SER <i>NEBET-PER</i> , OU A <i>SENHORA DA CASA</i> , E A HISTÓRIA DAS MULHERES NO ANTIGO EGITO	18
--	----

1.1 Por uma História das Mulheres, como a da Dama Naunakhté	18
---	----

1.2. Por uma História das Mulheres Egípcias	21
---	----

1.3. Por uma História das <i>Senhoras da Casa</i>	30
---	----

CAPÍTULO II

NAScer, CRESCER, TORNAR-SE ADULTA, SER UMA MULHER EGÍPCIA CASADA	34
--	----

2.1. E assim, nascem uma, duas, três crianças da dama Red-Djedet	34
--	----

2.2. E assim, forma-se uma mulher adulta	39
--	----

2.3. E por fim, torna-se esposa	45
---------------------------------------	----

CAPÍTULO III

CASAR, PARIR, CUIDAR, TORNAR-SE ESPOSA E MÃE: SER SENHORA DE SI E DA SUA CASA	52
---	----

3.1. Vivendo como mulheres casadas, como a Dama Ankhiry	52
---	----

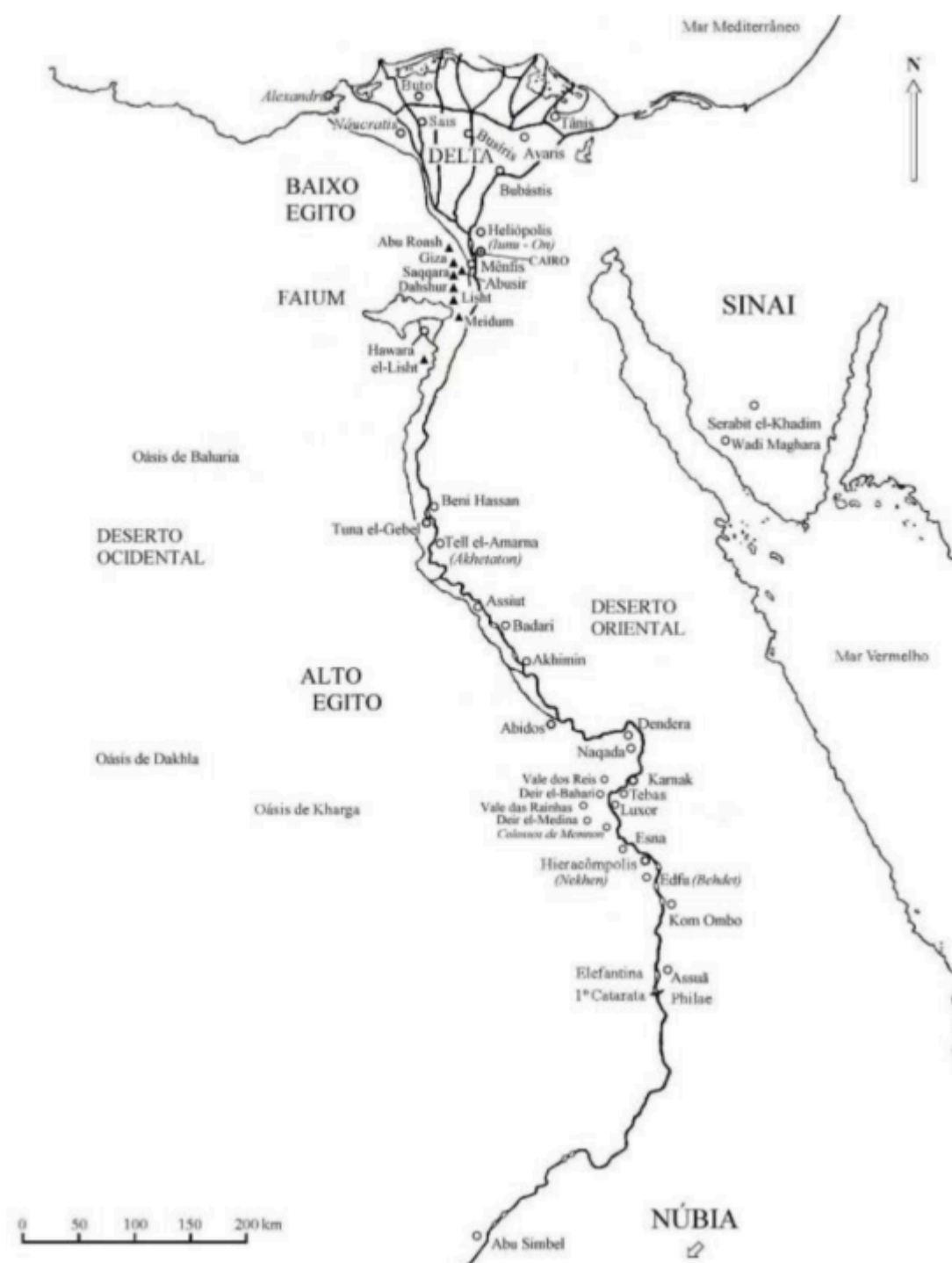
3.2. Tornando-se senhoras de suas casas, como a Dama Neferu	56
---	----

3.3. Existindo como mulheres de direitos e deveres, como a Dama Naunakhté	66
---	----

CONSIDERAÇÕES	69
---------------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
----------------------------------	----

Figura 1 - Mapa do Egito



Fonte: Mapa elaborado pelo Prof. Dr. Antonio Brancaglioni Júnior (Machado, 2019, p. 14 apud Silva, 2023, p. 15).

DE ENCONTRO COM A HISTÓRIA DAS MULHERES EGÍPCIAS

Caros leitores,

Antes de lhes dar o prazer de conhecer a história das *Nepet-per(a)*, ou as *Senhoras da Casa* do Antigo Egito, e o que a historiografia tem a nos oferecer sobre elas, precisamos lhes contar uma outra história: a nossa.

Com um frescor de amor à primeira vista, lembramo-nos de quando, em 2014, ainda no 6.º ano do ensino fundamental - *anos finais*, do Colégio Municipal Nossa Senhora dos Remédios¹, a professora Shailla nos apresentou ao Antigo Egito, através do filme *A Múmia* (1999)². A partir daquele momento, o encanto aconteceu e mesmo que, ao longo das vivências escolares, o assunto tenha ficado adormecido, ele despertou com a intensidade necessária para nos fazer sonhar com o curso superior de História, e desde então, esse desejo se intensificou cada vez mais com a mínima possibilidade de um dia poder navegar pela águas da Egiptologia. O presente trabalho é uma resposta.

Nesse meio tempo, vimos nascer o ANKH - Grupo de Pesquisa e Ensino sobre Antigo Egito (CNPq/UFPB), e com ele, a admiração e a sede por conhecimento aumentaram exponencialmente. Durante a graduação, participamos de projetos como a Iniciação à Docência (PIBID, 2022/2024), a Monitoria (2024/2025) e a Iniciação à Pesquisa (PIBIC, 2025/2026), que nos permitiram abraçar a História das Mulheres com força e resiliência. Nesse abraço estava uma vontade, que só cresceu, ao passar dos períodos: de saber mais sobre o protagonismo histórico das mulheres. Quanto mais líamos a respeito, mais a curiosidade aumentava. Foi em uma dessas leituras, que nos deparamos com o livro *Um mergulho para o Alto* (2002)³, de Tânia Carvalho, por recomendação da Profa. Dra. Serioja Mariano. E foi nesse ponto que se deu o início da pesquisa sobre as mulheres egípcias. Sobre suas vivências, sua participação histórica, como viviam, o que faziam. O ponto de partida para a nossa descoberta, escrita e pesquisa infindável em um universo de múltiplas possibilidades.

Nos mergulhos nas histórias das mulheres egípcias, deparamo-nos com a palavra em antigo egípcio *Nebet-Per*, ou a *Senhora da Casa*, um título dado às mulheres, que floresceu a curiosidade e reflexão acerca do seu impacto na antiga sociedade egípcia, principalmente, nas

¹ Na cidade de Igaracy, no alto sertão paraibano.

² Direção de Stephen Sommers.

³ O livro pertence à coleção *Um Mergulho no Tempo*, sendo o primeiro a ser publicado, seguido de um segundo livro homônimo ao título da coleção, e um terceiro, publicado em 2025, intitulado *A Rainha Faraó: Um Mergulho no Destino*.

experiências femininas. Segundo a historiografia (Jacq, 1998; Silva, 2012), ele nasceu durante o Reino Médio (c. 2040-1640 aEC)⁴, estendendo-se ao Reino Novo (c. 1550-1070 aEC), e provavelmente, ao Período Ptolomaico (305-31 aEC). Sabe-se, portanto, que, ao se casar, as mulheres das classes altas o recebiam e, a partir daquele momento, elas se tornavam senhoras de suas casas, onde eram responsáveis por todos os ambientes de seus lares e decisões em torno deles (Jacq, 1998; Silva, 2012).

Segundo Thaís Rocha da Silva, “de modo geral, *nbt pr* indica uma posição social elevada, também a ideia de uma esposa legítima (num casamento válido), que provê herdeiros” (2012, p. 75). Observa-se, nesse movimento, que a mulher não perde seu prestígio social, apenas passa a se dedicar mais ao espaço privado de sua casa, que também tem íntima relação com o meio público, como no caso dos haréns⁶, ou Palácio das Mulheres, um espaço estritamente feminino, no qual aconteciam relações administrativas, políticas e trocas constantes entre mulheres poderosas, como as rainhas e suas seguidoras.

A partir de leituras realizadas, alguns questionamentos vieram à tona sobre os aspectos que permeiam essa titulação, principalmente, acerca da sua abrangência. Seria um título restrito às mulheres da elite ou da nobreza? Como estariam as mulheres de classes mais baixas durante esse período? E as outras mulheres, que ocupavam outras instâncias naquela sociedade? Outrora, no Reino Antigo (c. 2649-2150 aEC), a atuação feminina era assídua, na economia, na administração, em espaços públicos, com títulos de médica-chefe, juíza e vizir. Mas, conforme se passam os Períodos Intermediários⁷, e os Reinos Médio e Novo aportavam, as figuras femininas passam a ocupar mais suas casas, ou seja, o espaço doméstico, ligando-se mais ao ambiente familiar, perguntamo-nos: foi por causa da titulação de *Senhora da Casa*?

Segundo Christiane Noblecourt, em seu *A mulher no tempo dos faraós*, (1994), essa mudança significativa da atuação feminina nas funções públicas se deve à titulação, nas palavras da autora:

⁴ aEC significa, respectivamente, antes da Era Comum.

⁵ A cronologia utilizada segue àquela que Robins destaca em seu trabalho: ROBINS, Gay. **Women in Ancient Egypt**. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 1996 [1993], p. 8. Como também aquela utilizada por SERPA, Lúcia Gomes. **Em Busca de Osíris: o Mistério no Antigo Egito**. Tese (Doutorado) - Programa De Pós-Graduação em Artes Cênica / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo, 2021.

⁶ Harém, no Antigo Egito, não tem relação com o harém erótico otomano, mas sim, configura-se como uma importante instituição econômica e educativa do Egito faraônico, dedicado às mulheres e crianças (Rezende; Dias, 2019).

⁷ Configuram-se em períodos que intermediaram os reinos antigo, médio e novo, nos quais os egípcios se depararam com crises econômicas, sociais e políticas. Segundo Robins: o Primeiro Período Intermediário (c. 2150-2040 AEC), o Segundo Período Intermediário (c. 1640-1550 AEC) e o Terceiro Período Intermediário (c. 1070-712 AEC.) (Robins, 1996, p. 7-9; Serpa, 2021, p. 25-26).

Nunca como no Antigo Império foram encontradas tantas funções de mulheres na Administração. Parece que esses cargos diminuíram no Médio Império, quando o estado de *Nebet-Per*, dona de casa, começou a “drenar” de modo espetacular a maioria das atividades femininas (1994, p. 233).

Mas, antes de prosseguirmos, gostaríamos de lhes apresentar, queridos leitores, o trajeto que fizemos até o nascimento deste presente trabalho.

A priori, após o primeiro contato com a orientação, a decisão de percorrer pela história do Antigo Egito e o recorte temático, demos os primeiros passos da pesquisa, com uma busca quantitativa, o que chamamos de “estado da arte”, e as nossas preocupações giravam em torno, principalmente, de como a sociedade egípcia enxergava e representava as mulheres, nos diferentes âmbitos de suas vivências, em especial, após a adoção do título *Nebet-Per*. Afinal, o que a historiografia diz sobre isso?

Com as fontes historiográficas sobre a história das mulheres no Antigo Egito em mãos, iniciou-se os trabalhos, que se deu a partir da análise de algumas fontes históricas, como a Literatura e a Iconografia, assim como uma análise historiográfica, tendo autores/as como Christiane Noblecourt (1994, [1986]), Bárbara Watterson (1991), Joyce Tyldesley (1994/1998/2005), Christian Jacq (1998; 2000), e também aqueles nacionais, como Haydée Oliveira (2005), Thaís Rocha da Silva (2012/2013/2021/2024), Júlio Gralha (2012), entre outros/as. Sendo a partir deles/as, traçado o percurso metodológico, com base, sobretudo, na História das Mulheres, dando foco nas produções da historiadora francesa Michelle Perrot (1990/1995/1998/2005) e do historiador brasileiro Losandro Antonio Tedeschi (2012/2016).

Posto isso, na história do Antigo Egito, vê-se a presença assídua da mulher no meio social, tendo uma base naquilo que regia suas vidas, sua crença em suas deusas e deuses, e na constante busca pela *Maat*⁸. Christiane Noblecourt (1994) nos conta a concepção dos egípcios de que, sendo os humanos - o homem e a mulher - criação divina, não fazia sentido haver diferenças entre eles, já que isso poderia significar desequilíbrio, ou *Isfet* - o caos. Logo, no Egito faraônico, observa-se certa equidade de gênero nas suas atividades diárias.

Essa ideia vem de encontro ao mundo hodierno a partir do que os antigos deixaram em suas produções culturais, assim, pensar nas vivências dessas mulheres, ao longo da história dos antigos egípcios, não pode ser dissociado do que Sandra Jatahy Pesavento nos diz sobre as representações criadas outrora, no nosso caso, pelos egípcios, as quais nos chegam carregadas de simbolismos, que, com cuidado, devem ser analisadas, dentro do que a História

⁸ Nome da deusa egípcia Maat, assim como o princípio que rege a vida cotidiana dos antigos, a ordem-verdade-justiça-equilíbrio do universo (Souza, 2012).

Cultural nos oferece de metodologia. Nas palavras da autora, “a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo” (2012, p. 29). A complexidade do nosso trabalho, enquanto historiadores/as, dá-se a partir do momento em que lidamos com uma “temporalidade escoada, com o não visto, o não vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado” (p. 30), os quais chegam até nós por meio das representações, que segundo Pesavento,

são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão (2012, p. 28-29)

Cipriano Carlos Luckesi, quando escreve sobre a influência das representações sociais na visão que temos acerca das avaliações no ensino, apresenta-nos a ideia de que essas são, ainda, “como padrões inconscientes de conduta, que formam nosso modo ser, agir e pensar sobre determinados fenômenos ou experiências da vida prática” (2002, p. 83). Assim, objetivamos perceber, ao longo desta pesquisa, mais sobre as experiências egípcias, a partir das suas filosofias de vida, percepções de mundo, crenças no sagrado, segundo o que eles deixaram registrado.

E para escrevê-la, utilizamos a autora libanesa Joumana Haddad como inspiração de estilo de escrita, que, em seu livro *Eu matei Sherazade* (2011), traz uma narrativa singular que nos levou ao entusiasmo para contar uma outra história que difere da sua: a das *Senhoras da Casa*. Nesse caminhar, seguimos aos capítulos.

No primeiro deles, fizemos uma análise da produção historiográfica sobre a História das Mulheres egípcias e o que está sendo produzido sobre as *Nebet-Per(s)*, passando, portanto, através da metodologia de trabalho da História das Mulheres, percebendo como podemos utilizar seus métodos no decorrer da nossa investigação. Seguindo para o segundo capítulo, decidimos contextualizá-los por meio da vida dessas mulheres, que desde o nascimento, tem suas vivências na infância, juventude e vida adulta marcadas por singularidades, cada qual com suas especificidades. Logo, a partir de uma linha cronológica da vida feminina, traçamos acontecimentos de mulheres que tiveram sua história registrada de alguma forma e que chegou até nós, seja pelos textos literários, ou pela iconografia. Quando se aproximava da vida adulta, as jovens que queriam formar suas famílias, apaixonadas ou não, procuravam se casar. Ei-lo, um momento de transição que marca a passagem do nosso segundo para o terceiro capítulo. Nesse último, tratamos da mulher dentro

de suas casas, a partir de registros sobre sua relação conjugal, com seus filhos e com o sistema jurídico, que se mostra ativo na concretização dos direitos e deveres femininos. Para tanto, ao longo dos três capítulos, passamos por discussões acerca da igualdade de gênero no Antigo Egito, das habitações e das discussões em torno do título *Nebet-Per*. Assim como analisando casos do cotidiano feminino egípcio e mesopotâmico, traçando algumas comparações entre os povos conterrâneos. No Antigo Egito, demos ênfase em acontecimentos de lugares como as vilas operárias de Deir El-Amarna⁹ e Deir El-Medina¹⁰, criadas durante o Reino Novo (1550-1070 aEC), assim como em Deir el-Bahari¹¹, procurando, neles, o que tem a nos oferecer sobre outras camadas sociais para além da realeza e da elite.

Ao seguir esse caminho, planejamos problematizar a marginalização e o silenciamento que essas mulheres sofreram por muito tempo, dentro da historiografia dita como tradicional, personificando-as, trazendo mais sobre suas histórias ao mundo, como a dama Naunakhté, que, vivendo durante o reinado de Ramsés V (c. 1146 a.C. e 1142 aEC), no Reino Novo, redigiu um testamento, em que deserdou os filhos, deixou sua herança para quem ela queria e teve sua petição aceita pelo tribunal (Silva, 2021).

Mas sobre ela, é uma outra história.

⁹ Também conhecida como Tell el-Amarna, ou Akhetaton, situa-se ao norte de Tebas e foi palco para de mudanças significativas na política, religião e sociedade, durante o Reino Novo, na XVIII Dinastia, por volta de 1352-1336 aEC., encabeçadas pelo faraó Akhenaton, “o único filho de Aton”, e sua rainha Nefertiti, “é chegada a bela” (Souza, 2012; Chapot, 2015).

¹⁰ Deir el-Medina é um nome dado à vila dos trabalhadores responsáveis pela construção do Vale dos Reis e das Rainhas, no Alto Egito, nas cercanias de Tebas. Segundo Margaret Bakos, seu provável fundador foi Tutmés I, o terceiro faraó da XVIII Dinastia, criada por volta de 1540 aEC. A vila durou cerca de 450 anos, passando pela XIX e XX Dinastias (Bakos, 1996, p. 153).

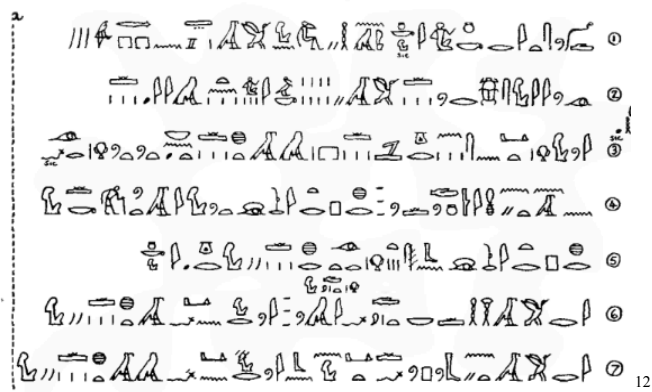
¹¹ Complexo de templos mortuários e túmulos, onde se localiza o templo da Mulher-Faraó Hatshepsut, localizado em Luxor. Para mais informações, ver: Sousa, 2010.

CAPÍTULO I

SER *NEBET-PER*, OU A *SENHORA DA CASA* E A HISTÓRIA DAS MULHERES NO ANTIGO EGITO

1.1. Por uma História das Mulheres, como a da Dama Naunakhté

Col. 2



Eu sou uma mulher livre da terra do Faraó. Eu criei oito servos seus, dei-lhes vestimentas e toda sorte de coisas que são normalmente feitas para pessoas de sua posição social. Mas olhe, eu envelheci, e olhe, eles não estão cuidando de mim na minha vez. Quem deles tenha me ajudado, a ele eu darei meus bens, mas quem não tem me dado nada, para ele eu não darei meus bens.¹³

E lá estava, Naunakhte se afirmando enquanto mulher livre, boa mãe, dona de seus próprios bens, mas que redigiu o testamento afirmando não estar satisfeita com o tratamento recebido por alguns de seus filhos, deserdando-os. A história dessa mulher do Reino Novo (c. 1550-1079 aEC) é apresentada ao mundo em 1928, quando duas, das quatro cópias, de seu testamento são encontradas pelas escavações do Instituto Francês no sítio arqueológico de Deir El-Medina. Posteriormente, as outras duas cópias são compradas pelo Sir Gardiner, que as coloca à disposição do egiptólogo tcheco Jaroslav Cerny, o tradutor e primeiro estudioso do que conhecemos como *O testamento de Naunakhte* (Bakos, 2002). Em 1945, Cerny

¹² Trecho em hieróglifo da fala da dama Naunakhte (Cerny, 1945, p. 22).

¹³ Tradução do original para o inglês de Cerny: (2, 1) She said: As for me, I am a free woman of the land of Pharaoh. I brought up these eight servants of yours and gave them an outfit of everything (such) as is usually made for those in their station. But see, I am grown old, (2, 5) and see, they are not looking after me in my turn. Whoever of them has aided me, to him I will give <of> my property, (but) he who has not given to me, to him I will not give of my property. (The Will of Naunakhte, Cerny, 1945, p. 31). Tradução do inglês para o português de Margaret Bakos (2002, p. 7).

publica no *The Journal of Egyptian Archaeology*, a tradução dos quatro documentos que ele traduz da escrita Hierática¹⁴ para a hieroglífica, seguindo para a tradução para o inglês, dando ao mundo a oportunidade de conhecer, além de alguns traços da trajetória da dama Naunakhte, um pouco mais sobre a dinâmica da família e da relação parental, como também nos revela aspectos da funcionalidade jurídica no Antigo Egito.

As histórias das vidas de mulheres como a Dama Naunakhté, ou como aquelas que recebiam a titulação de *Nebet-Per*, ou *Senhoras da Casa*, e de tantas outras, ganham notoriedade mundial, a partir do momento em que a História passa a viver “a crise dos paradigmas explicativos da realidade, ocasionando rupturas epistemológicas profundas que puseram em xeque os marcos conceituais dominantes na História” (Pesavento, 2012, p. 2). O desconforto de perceber seres, outrora marginalizados na escrita histórica, tornava-se ação, dando início a um movimento de mudanças e escrita histórica preocupados em dar visibilidade para aqueles outros que foram deixados para de lado na escrita histórica.

Frente ao florescer da História enquanto ciência, no século XIX, a sua produção, feita por homens, que se direcionava para seus leitores, em sua maioria, masculinos, tendia à marginalização das figuras femininas, alegando ausência de fontes, ou de participação na História, posto que a narrativa histórica daquele momento privilegiava o cenário público, voltando-se, principalmente, para a política e para a guerra, espaços que as mulheres ocupavam em minoria. Assim, tendiam a delegá-las características estereotipadas, como “megeras” ou “histéricas”, como bem coloca Michelle Perrot (2005, p. 33), que pontua, poeticamente, que “no teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra”, pois, a escrita ressoou, ao longo da passagem do tempo, a ausência feminina como um padrão, quase natural. E assim, dava-se a formação de uma história excludente, centrada na visão androcêntrica do mundo, bem como suas representações.

Era uma historiografia que delineava os traços da feminilidade, submetendo-as ao silenciamento historiográfico, em um processo “marcado pela desmemorização e descorporalização das mulheres, condição própria do poder masculino” como aponta Losandro Antônio Tedeschi (2012, p. 13). Mais à frente, continua o autor: “somos permeados pela realidade no qual estamos inseridos e somos resultado dela” (2012, p. 13). Assim, compreendemos como o movimento dessa historiografia passa a transformar esse cenário, mais especificamente, nos anos 1960, quando a agenda do movimento feminista passa a lutar

¹⁴ A escrita Hierática é considerada tão antiga quanto os Hieróglifos, cujo uso está ligado ao sagrado e é dominada pelos sacerdotes, sendo a Hierática de cunho administrativo, também ligada ao sagrado, assim como a medicina. Os egípcios também utilizavam a escrita Demótica, que era cursiva e usada no cotidiano, sendo mais acessível àqueles que não dominavam as outras escritas (Pereira, 2016, p. 33-34 apud Silva, 2023, p. 38).

pela visibilidade do protagonismo feminino na escrita histórica. A partir da reivindicação do acesso de mulheres à educação e seu ingresso em universidades, e consequentemente, nas pesquisas científicas, visualizamos essa virada de chave (Rodrigues et al, 2019).

Ligada às inovações no campo histórico, introduzidas no pós-Escola dos Annales, nasce a História das Mulheres, “uma área recente do conhecimento histórico, fruto de uma nova tradição historiográfica” (Tedeschi, 2012, p. 17), principalmente, com o crescimento e popularização de correntes teóricas como a História Cultural e a História Social, que começam a surgir produções que viabilizam a História das Mulheres, que posteriormente, passa a ser pensada como uma metodologia de trabalho, balizada teoricamente, em vertentes históricas que possibilitam o trabalho com fontes diversas, a partir de conceitos que repensam a atuação dos seres humanos nos acontecimentos históricos, assim como a importância de cada um. Aquelas que outrora não podiam se fazer ouvir, agora tinham espaço para serem ouvidas, lembradas e estudadas. E é assim que a História das Mulheres passa a rememorar-las, situando-as, na teia dos fenômenos da História, como agentes históricas. Para além disso, delineando novos traços sobre sua participação na história, como protagonistas de suas vidas.

A escrita histórica, agora, passa a contestar o lugar de legitimação e de domínio. Aquela escrita da história que, em um passado não tão distante, usou e abusou do poder simbólico “em narrar, relatar e significar determinadas parcelas da realidade ligadas diretamente aos triunfos, aos grandes atos heróicos, com pretensões de superioridade e feitos de grande poder” (Tedeschi, 2016, p. 154). Poderio esse que, com a caneta em mãos, grafou a representação feminina como a quis, reforçando discursos estereotipados, machistas e supressores, enfatizando uma superioridade masculina imposta como natural. Como nos diz Sandra Pesavento

Aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças. Implica que esse grupo vai impor a sua maneira de dar a ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas, que orientam o gosto e a percepção, que definem limites e autorizam os comportamentos e os papéis sociais (2012, p. 29).

E a História das Mulheres aporta, neste mar historiográfico, para mudar o horizonte, trazendo consigo um outro olhar para as vivências femininas, um olhar sensível para o que antes fora negligenciado, rasgado, e queimado. As fontes gritavam o que a historiografia considerada como tradicional ignorou por muito tempo. E Michelle Perrot, junto a outras/os historiadoras/es, como Rachel Soihet (1997;1998), George Duby (1990) e Losandro Tedeschi (2012/2016), fazem a diferença quando, com sensibilidade, traz à tona uma metodologia e a

imprescindibilidade da pesquisa histórica sobre as mulheres, revelando outros lados da história até então contada por uma ótica masculina recheada de estereótipos.

Em seus escritos, a autora enfatiza que escrever uma história das mulheres significa as colocar, antes de mais nada, como agentes históricas e mostrá-las enquanto seres dotadas de historicidade frente às ações cotidianas e a relação entre os sexos (Perrot, 1995, p. 9). Mais a frente, a autora pontua que “tratava-se inicialmente de tornar visível o que estava escondido, de reencontrar traços e de se questionar sobre as razões do silêncio que envolvia as mulheres enquanto sujeitos da história” (1995, p. 20), e continua, destacando os problemas e toda a teia de complexidade que rodeia a experiência da escrita de histórias, que desafia o tradicionalismo. Nas palavras de Tedeschi, escrever essa história “é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação: está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história, não são apenas destinadas à reprodução [...]” (2016, p. 153).

Em seu pleno desenvolvimento, tencionava-se, segundo afirma Michelle Perrot, dar visibilidade, revelar possibilidades de fontes, acumular dados, definir lugares de memória, como arquivos de mulheres e dicionários (2005, p. 42). E é a partir desse pressuposto que a autora escreve e inspira outros escritores, dando gás a uma nova onda de pesquisas, marcadas pela ênfase em trazer ao mundo novas possibilidades de perceber as mulheres dentro das dinâmicas sociais. Como diz a historiadora, “os modos de registros das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo acontece com seu modo de rememoração, da encenação propriamente dita do teatro da memória” (Perrot, 2005, p. 39), e é nesse caminhar que chegamos, ao movimento que nos levou à uma dessas histórias: a das mulheres egípcias.

1.2. Por uma História das Mulheres Egípcias

Uma escrita complexa, permeada por nuances, que precede um cuidado do/a historiador/a que detém o poder da caneta em mãos. E a ciência, que antecede a produção sobre as mulheres egípcias, chama-se Egíptologia. É através dela que, a partir do século XIX, no advento da descoberta e decifração da Pedra de Roseta¹⁵, pelos franceses, Jean-François Champollion desvenda os mistérios dos hieróglifos e entrega ao mundo a possibilidade de conhecer quem foram os antigos egípcios segundo o que eles deixaram registrado. A partir

¹⁵ Descoberta em 1799, a Pedra de Roseta trata-se de um decreto instituído pelo faraó Ptolomeu V, datada do século II a.E.C., sendo constituída por três escritas: hieróglifos, demótico e grego antigo (Silva, 2023).

desse momento, desencadeia-se uma onda de produções sobre os mais diversos aspectos da vida dos antigos, desde seu cotidiano, suas crenças, sua religião, suas tecnologias, sua alimentação, sua arquitetura, sua arte, entre outros, cujas pesquisas deram abertura para outros temas, dando aos egiptólogos múltiplas oportunidades de aprofundamento de seus conhecimentos acerca dos mistérios que rodeavam o Antigo Egito.

Ao passo que essas pesquisas avançaram, notou-se, principalmente, no século XIX e início do XX, a marginalização do tema *mulheres*, à medida que, para a época e os estudiosos, outros assuntos se tornaram mais importantes a serem debatidos. Mas, com a chegada da segunda metade do século XX, os ares passaram a soprar a favor das histórias até então marginalizadas. Juntam-se, em um vendaval tempestuoso para o tradicionalismo, a crise pós-moderna, a agenda feminista e os complexos acontecimentos das últimas décadas desse século, que dão a egiptologia um novo interesse: as relações de gênero e as mulheres egípcias, dando impulso a uma onda de produções sobre o tema, a partir dos anos 1970 (Silva, 2012, p. 63).

Os novos movimentos desse mar também vieram repleto de complexos debates e problemáticas em torno da abordagem sobre os temas em volta das mulheres egípcias. *A priori*, desde seu surgimento, a Egiptologia mais conservadora tinha dificuldade em dialogar com outras áreas, seja teórica ou metodologicamente, possíveis parcerias eram “vistas como ‘alternativas’ e marginais” (Silva, 2012, p. 61). Seguindo por essa linhagem, outro aspecto que dificultava esse diálogo tem relação com o acesso às fontes, tendo em vista o difícil acesso às línguas utilizadas pelos antigos, como também o domínio dos acontecimentos históricos, inseridos em uma teia cronológica recheada, sendo esses, pressupostos básicos para a formação dos egiptólogos (Silva, 2012, p. 61).

Outro fator, na Egiptologia, para o distanciamento dos pesquisadores das mulheres egípcias também se deu por um processo de exotização da figura feminina do Antigo Egito, desde suas representações nas paredes dos templos e tumbas, até suas representações contemporâneas, desencadeou no mundo, um olhar estereotipado da mulher egípcia, que ainda é perpetuado na hodiernidade, mas que condicionou ao aparecimento de algumas pesquisas (Silva, 2013, p. 96). Algumas outras razões também motivaram os egiptólogos a pesquisarem mais sobre *as mulheres* nas fontes, sendo um dos fortes motivos, os respaldos das ondas feministas dos anos 1960, que segundo Thaís Rocha da Silva, levou-os a “uma tentativa de lhes dar visibilidade e voz” (Robins, 1993 apud Rodrigues et al, 2019, p. 282). A egiptóloga brasileira ainda segue colocando que as ondas que seguiram, como a década de 1970, puseram na mesa temáticas como a sexualidade, a busca pelas origens do patriarcado,

seguindo, no que a História de Gênero propõe, com temas como masculinidade e estudos *queer*.

Nesse ínterim, com o debate feminista a todo vapor, principalmente no que diz respeito a opressão universal feminina, esses estudos da Egiptologia traz consigo alguns apontamentos acerca do passado egípcio, em que as mulheres possuem status social e jurídico de certa equidade comparado aos homens e que diferiam de suas temporais do Mediterrâneo, revelando-se, portanto, em dados que mostraram “que nem sempre os egípcios se encaixavam no que queriam as feministas (Graves-Brown, 2008:X)” (Silva, 2012, p. 63). Esta equidade estava ligada à busca pela *Maat*, que segundo Priscila Scoville, não significava que uma ou o outro eram superior ou inferior, nem tampouco semelhante, mas também não eram rivais (2014, p. 285). Era a busca por equilíbrio constante que movia o cotidiano da vida das mulheres e dos homens no Antigo Egito.

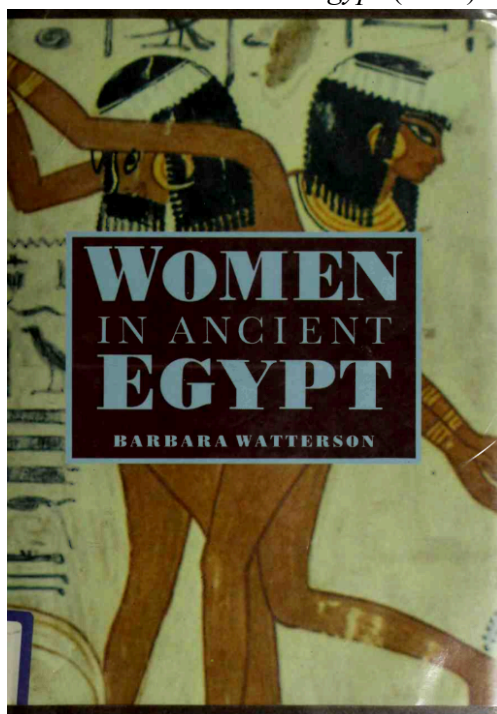
No seu dia a dia, as egípcias andavam livremente pelas ruas, comercializavam, tinham direito ao divórcio, podiam exercer atividades como dançarinas, musicistas, nos templos, viviam suas vidas plenamente. Sabemos disso, porque a historiografia dos anos finais da década de 1980, com suporte metodológico da História das Mulheres, suas parcerias com a antropologia e a História das Mentalidades, trazem ao mundo algumas produções, mesmo que com algumas problemáticas, como o duplo exotismo, que segundo Thais Rocha da Silva, dá-se também pelo fenômeno de “critérios e processos de seleção pelos quais (a história d) o Egito tem seu pertencimento autorizado no ocidente europeu” (2013, p. 97).

Um marco que reforça esse problema está na coletânea sobre a *História das Mulheres do Ocidente*, de Michelle Perrot e Georges Duby, publicada pela primeira vez em 1990. Dentro do movimento de trabalhos sobre as *mulheres*, é consenso entre os estudiosos que a coleção se tornou um verdadeiro símbolo da recém-nascida História das Mulheres. Entretanto, a história das mulheres egípcias não consta na publicação, sendo excluída inclusive o Egito helenizado e o romano. É somente no decorrer dos anos 1990, que observamos uma mudança nos ares da Egiptologia, quando se destaca, em meio as produções sobre as mulheres na antiguidade, um marco de avanço dessa escrita, no advento do florescimento de uma arqueologia feminista, que põe “na ordem do dia o tema da mulher e de gênero a partir de fontes materiais, retirando o foco da epigrafia, da filologia e da literatura”, ao tempo que impacta com as antigas metodologias adotadas pelos pesquisadores, urgindo, portanto, “um profundo revisionismo teórico-metodológico, o qual não foi adotado por toda a comunidade egiptológica” (Silva, 2012, p. 58).

Quando seguimos para as produções da época, percebemos um movimento seguido pelos egiptólogos, que procura dar visibilidade às mulheres egípcias, evidenciando sua atuação em diversos espaços do cotidiano egípcio, ao tempo, que também revelam suas interações com algumas temáticas, como a sexualidade, a maternidade e até mesmo, o trono faraônico. Ao abrir a introdução de seu livro *Women in Ancient Egypt*¹⁶ (1991) (figura 2), a egiptóloga Bárbara Watterson pontua que

A história tradicionalmente tem se preocupado principalmente com os assuntos e atos de reis e governantes e só nos últimos anos é que os estudiosos começaram a estudar e escrever sobre as pessoas 'comuns' em grande medida. O papel das mulheres, que podem ser consideradas como 'a outra metade da história', tem sido frequentemente negligenciado (Watterson, 1991, p. IX, tradução nossa¹⁷)¹⁸.

Figura 2 - Capa do livro *Women in Ancient Egypt* (1991) de Barbara Watterson.



Fonte: Acervo da autora.

Havia uma preocupação clara em sua obra: contar essas histórias ao mundo. E é nesse caminhar que nos finais dos anos 1980 e ao longo da década de 1990, foram publicadas algumas obras que nos fazem embarcar em uma viagem pelo mundo feminino egípcio. Aqui, apresentaremos algumas delas, dando destaque àquelas que utilizaremos ao longo do nosso

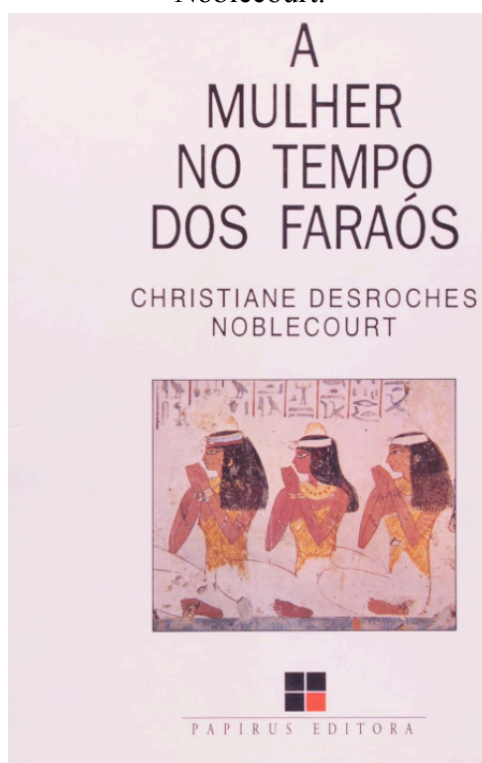
¹⁶ Tradução nossa: *A mulher no Antigo Egito*.

¹⁷ As traduções realizadas neste trabalho foram feitas no site *Reverso*. URL: <https://www.reverso.net/tradu%C3%A7%C3%A3o-texto>.

¹⁸ “History has traditionally been concerned primarily with the affairs and deeds of kings and rulers and only in recent years have scholars begun to study and write about 'ordinary' people to any great extent. The role of women, who can be said to be 'the other half of history', has often been overlooked.”

trabalho. Não poderíamos deixar de citar, para começarmos, a egiptóloga francesa Christiane Noblecourt, que no ano 1986, publica seu *A mulher no tempo dos faraós* (figura 3). Neste livro, a autora aborda diversas temáticas em torno do cotidiano feminino. Apresenta-nos as mulheres na realeza, envolvida com a religião, em suas casas, sendo mães, tendo acesso à educação, à direito legais, como também aspectos ligados à saúde, entre outros temas que englobam o universo feminino egípcio.

Figura 3 - Capa do livro *A mulher no tempo dos faraós* (1994) de Christiane Desroches Noblecourt.



Fonte: Site da Amazon. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Mulher-No-Tempo-Dos-Faraos/dp/8530802500>. Acesso em: 06 de mar. de 2026.

Não diferente de Noblecourt, ao longo dos anos que se seguiram, alguns outros pesquisadores fizeram publicações sobre as mulheres no Antigo Egito, como as produções de língua inglesa, como a já mencionada Bárbara Watterson e o seu *Women in Ancient Egypt* (1991), ou Joyce Tyldesley e o seu *Daughters of Isis: Women of Ancient Egypt*¹⁹ (1994). Observa-se, em ambas, um movimento seguido na construção dos textos, quando é notório a formatação de uma escrita mais descritiva, que segue um roteiro dos assuntos sobre as mulheres, tratando acerca das atividades exercidas por elas, dos títulos, da condição jurídica

¹⁹ Tradução nossa: *Filhas de Isis: Mulheres do Antigo Egito*.

em torno do divórcio e das propriedades, também abordando sobre o amor, a sexualidade, a educação dos filhos, a estética, além, notadamente, da vida da realeza.

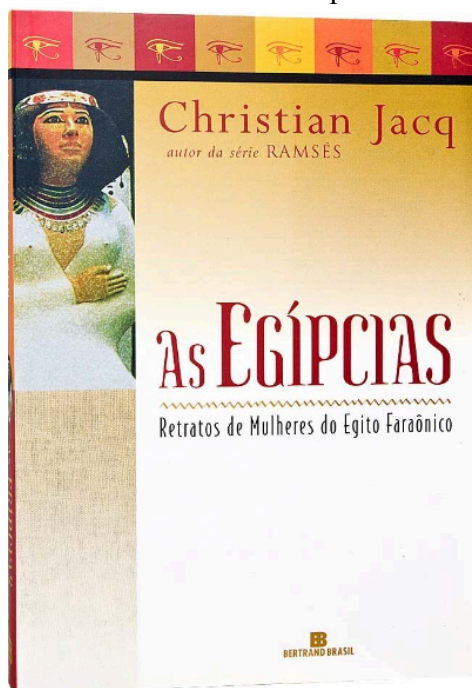
Thaís Rocha da Silva, em sua dissertação, traz a pesquisa do egiptólogo Donald Bruce Redford (2001), contando-nos que o autor

reconhece que as fontes podem expressar um ideal das elites sobre o papel e o lugar das mulheres, embora seja difícil identificar o alcance desses ideais nas práticas sociais. De modo geral chama a atenção a escolha dos temas relacionados às mulheres e ao feminino, muito semelhantes às capas das revistas femininas contemporâneas: casa, sexo, atividades profissionais, moda e beleza (2013, p. 100).

Levanta-se, neste momento, um ponto que é imprescindível a ser refletido, sendo as fontes em que a Egiptologia bebe representações criadas pelos egípcios, elas não são vazias de intencionalidades, obviamente, datadas e também situadas em seu espaço geográfico. Além disso, reforçam o determinismo da classe da qual são oriundas, posto que a maioria dos vestígios iconográficos e escritos foram deixados pela elite egípcia, como também, em sua maioria, foram produzidos por figuras masculinas, reforçando a ideia que Redford pontua em que “de acordo com essas fontes, o lugar de maior atuação e autoridade da mulher era a casa, expressando muito provavelmente um ponto de vista masculino” (Silva, 2013, p. 100). Todos esses fatores reunidos revelam que a historiografia nos traz as informações segundo o que as fontes históricas dizem, assim como influencia no desencadeamento de um processo de produção de obras que continuam reforçando as mesmas temáticas.

Contudo, o interessante se revela quando esses escritos personificam essas mulheres, nomeando-as. Apresentando-as a nós, criando uma sensação mais intimista, segundo o que elas foram e representam para nós, agora, milhares de anos depois. E a leitura se torna mais saborosa, quando, alguns autores, tomam a liberdade de escrever com uma narrativa literária, como o egiptólogo francês Christian Jacq, que em 1996, publica o seu *As Egípcias: Retratos de Mulheres do Egito Faraônico* (figura 4). Nele, apesar de continuar seguindo o padrão de temáticas, o autor conta as histórias das mulheres egípcias em forma de romance, o que aproxima mais o leitor das vivências dessas personalidades do Antigo Egito.

Figura 4 - Capa do livro *As Egípcias: Retratos de Mulheres do Egito Faraônico* (2000), de Christian Jacq.



Fonte: Site da Amazon. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Eg%C3%ADpcias-Retratos-Mulheres-Egito-Fara%C3%B4nico/dp/8528607771>. Acesso em: 06 de mar. de 2026.

Essas produções dos anos 1990, também introduzem problematizações em torno da atuação feminina, acerca da equidade gênero entre homens e mulheres, das fontes históricas, assim como levantam alguns pontos teórico-metodológicos, encaminhando-se para os anos 2000, com pontuações e questionamentos mais incisivos, que abrem debates em torno de temas como gênero e a relação Feminismo e Egiptologia. Assim, destaca-se, na produção inglesa, *Dancing for Hathor: Women in Ancient Egypt*²⁰ (2010), da egiptóloga Carolyn Graves-Brown, que trabalha, além das mulheres egípcias, essas outras temáticas do século XXI, que se afluam na historiografia egiptológica. Em âmbito nacional, a Egiptologia brasileira tem se desenvolvido gradativamente, principalmente, com influência dos programas de pós-graduação. Ao longo das últimas décadas, no banco de dissertações e teses, assim como monografias, têm aparecido alguns trabalhos sobre mulheres egípcias, que se estendem em publicações de artigos em revistas como *Cadernos pagu*, *Cadernos de Clio e Nearco* - Revista Eletrônico de Antiguidade. Além de artigos em livros organizados, como o *Compêndio Histórico de Mulheres da Antiguidade* (2021) (figura 5), que traz mulheres de povos diferentes, tanto orientais, como ocidentais.

²⁰ Tradução nossa: *Dançando para Hathor: Mulheres no Antigo Egito*.

Figura 5 - Capa do livro *Compêndio Histórico de Mulheres da Antiguidade* (2021), organizado por Semíramis Corsi Silva, Rafael Brunhara e Ivan Vieira Neto.

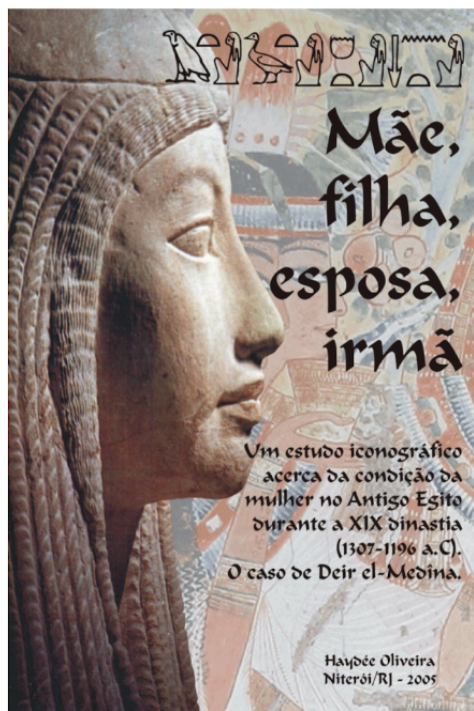


Fonte: Acervo da autora.

Nessa perspectiva, destacamos as pesquisas de Haydée Oliveira, em sua tese *Mãe, filha, esposa, irmã: Um estudo iconográfico acerca da condição da mulher no antigo Egito durante a XIX dinastia (1307-1196 a.C.) - O caso de Deir el-Medina* (figura 6), publicada em 2005, em que faz uma investigação acerca das representações das mulheres na vila dos artesãos, construtores e decoradores das tumbas do Vale dos Reis e das Rainhas, chamada de Deir El-Medina. Também ressaltamos o trabalho de Anna Cristina Ferreira de Souza, intitulado *Nefertiti, sacerdotisa, deusa e faraó* (2012), em que a pesquisadora, a partir da iconografia do período amarniano²¹, faz sua pesquisa em torno da representação da rainha Nefertiti, traçando uma análise acerca da influência política e religiosa da soberana.

²¹ Compreende-se ao governo de Akhenaton durante o Reino Novo, entre 1353-1335 a.E.C.

Figura 6 - Capa da tese *Mãe, filha, esposa, irmã: Um estudo iconográfico acerca da condição da mulher no antigo Egito durante a XIX dinastia (1307-1196 a.C.) - O caso de Deir el-Medina* (2005), de Haydée Oliveira.



Fonte: Acervo da autora.

Nesse caminhar, a egiptóloga Thaís Rocha da Silva também tem se debruçado em pesquisas sobre Deir El-Amarna, sendo resultado sua tese *Putting People in their Place: Domestic Space and Privacy in the Amarna Workmen's Village*²² (2020). A pesquisadora também se debruçou, anteriormente, em pesquisas sobre História de Gênero no Antigo Egito, em sua dissertação intitulada *Construtos de gênero no Egito Ptolomaico: uma proposta de leitura das cartas gregas e demóticas* (2013). Dentre as suas outras publicações se destacam, neste trabalho, aquelas publicadas em revistas, resultado de suas investigações sobre História de Gênero e História da Alimentação, em que a autora tece considerações sobre as mulheres e o ambiente doméstico no Antigo Egito.

Apesar do campo fértil para estudos sobre o Antigo Egito, ainda temos algumas lacunas historiográficas, enfatizamos uma delas que afeta a nossa pesquisa, sendo a ausência de escritos sobre as mulheres egípcias durante os Períodos Intermediários, em que ocorrem diversas mudanças sociais, políticas e econômicas, propiciando transformações na condição feminina. O que nos leva a uma situação delicada, buscando compreender as vivências das mulheres, através de trabalhos publicados sobre os acontecimentos em terras egípcias durante

²² Tradução nossa: *Colocando as pessoas em seus devidos lugares: espaço doméstico e privacidade na vila operária de Amarna*.

os Períodos Intermediários, oriundos de autores como Ciro Flamarion Cardoso (1982; 1998). Outras temáticas também podem ser colocadas dentro das lacunas, contudo, esses espaços vazios dentro da historiografia também podem ser compreendidos pela ausência de fontes egípcias que ofereçam indícios sobre o que se procura, como no caso das mulheres de camadas mais baixas, posto que a maioria das fontes são produzidas pelas classes com maiores poderes aquisitivos, como já supracitado. Logo, quando pensamos nas mulheres que recebiam a titulação de *Senhoras da Casa*, por exemplo, perguntamo-nos se o título também era dado àquelas fora da elite egípcia. Logo, necessitamos de uma busca mais apurada, que nos desafie à procura de materiais que nos auxiliem a compreensão desse questionamento.

1.3. Por uma História das *Senhoras da Casa*

E é a partir dos questionamentos apontados até o momento por nós que nos deparamos com algumas produções sobre as *Senhoras da Casa*, que florescem dentro da historiografia sobre as mulheres no Antigo Egito ao longo das últimas décadas. Logo, observamos referências sobre a titulação em alguns trabalhos aludidos anteriormente, assim como, uma crescente onda de publicações de artigos referente à temática. Dentre eles, destacamos as pesquisas de Barbara Watterson (1991), Christiane Noblecourt (1994), Joyce Tyldesley (1994) e Carolyn Graves-Brown (2010), as quais trazem aspectos ligados à vida da mulher casada, assim como os entornos e cuidados de sua casa. Christian Jacq (1998), com um narrativa mais literária, apresenta-nos algumas mulheres ligadas às essas experiências domésticas, como a dama Neferu, a partir da qual, o autor explica alguns aspectos que permeiam seu papel enquanto dona da casa, como a administração dos servos e as ocupações internas dessa senhora.

Haydée Oliveira (2005), em sua tese, aborda acerca da *Senhora da Casa* em Deir el-Medina, trazendo pontos sobre os afazeres femininos frente aos registros deixados nas tumbas e nos vestígios arqueológicos das casas. A egiptóloga Thaís Rocha da Silva também tem feito publicações de artigos acerca das *Senhoras da Casa*, apontando singularidades dessa titulação e seus desdobramentos na sociedade egípcia. Em seus textos, como *A Senhora da Casa ou a dona da casa? Construções sobre gênero e alimentação no Egito Antigo* (2012), publicado pela revista Cadernos Pagu; ou ainda *Lugar de mulher não é na cozinha: Rearticulando gênero e alimentação no Egito* (2014), pela NEARCO - Revista Eletrônica de Antiguidade, a autora levanta alguns apontamentos acerca da historiografia da História de Gênero e da História da Alimentação, evidenciando problemáticas em torno desta discussão,

assim como, quando e como se cruzam seus debates. Apresentando, também, como a arqueologia pode auxiliar no entendimento das vivências dessas mulheres que viviam no ambiente doméstico.

Outros autores também têm se debruçado nos estudos sobre as *Senhoras da casa*, como o professor Júlio Gralha, que publica um capítulo do livro *Mulheres na Antiguidade: Novas perspectivas e abordagens* (2012), intitulado *Senhora da casa, divindade e faraó: as várias faces da mulher do Antigo Egito*. Ao longo do texto, o autor evidencia alguns aspectos da vivência dessas mulheres na sociedade, pontuando que

De um modo geral, é possível perceber que na iconografia o homem está invariavelmente numa posição de destaque em relação à mulher. Seja estando a frente, seja na posição em pé ou sentado e aparecendo como o proprietário da tumba. Entretanto, é possível verificar algo que denota uma outra forma de poder pendendo para a mulher (Gralha, 2012, p. 190).

Dando, assim, início a uma discussão acerca da importância dada às mulheres no Antigo Egito, onde ela se faz presente desde a criação divina, nos mitos, sendo notadamente destaque na linhagem familiar, fazendo dos egípcios uma sociedade matrilinear (2012, p. 191). Seguindo essa lógica, a egiptóloga Priscila Scoville publica o artigo *Senhoras da casa: uma visão sobre a importância do feminino na sociedade egípcia da XVIII Dinastia* (2014), pela revista *Cadernos de Clio*. Nesse escrito, a autora nos apresenta mulheres da 18.^a dinastia, discutindo sobre o poderio político e religioso de mulheres da realeza, tecendo suas impressões, destacando que, para ela, houve uma tendência matriarcal nessa dinastia.

Não podemos apontar uma tendência matriarcal, mas destacamos a matrilinearidade seguida pelos antigos egípcios, dada a importância que a maternidade tinha para eles, presente nos registros, que evidenciam que desde o nascimento, a infância, a juventude, a vida adulta, chegando à velhice, a mãe detinha grande influência nas suas vidas. Logo, não se passa despercebida a maternidade na vida da *Senhora da casa*, que possui forte presença na educação das suas crianças, assim como em outras esferas de seus lares, reforçando o valor feminino nesta sociedade. Thamis Caria, em seu artigo *Aspectos da condição feminina no antigo Egito* (2013), publicado pela Revista Mundo Antigo, conta-nos que

A importância da posição social das mulheres pode ser interpretada no título dado a elas no período do reino Médio: **Senhora da casa (nebet-per)**, o que podemos inferir como aquela que possui o poder de controlar todas as decisões familiares e domésticas (Caria, 2013, p. 94, grifos nossos)

Era em suas casas que os egípcios viviam o seu íntimo, e o lar conjugal era uma das formas de organização dessas residências, sendo a partir do casamento que as mulheres

recebiam a titulação *Nebet-per*, mas o título não se restringia às mulheres casadas, podendo ser usado para se referir a uma mulher idosa independente, que pudesse manter sua própria casa (Silva, 2012, p. 75). Para além desse exemplo, Thaís Rocha da Silva, parafraseando Toivari-Viitala (2001), pontua que, apesar do casamento ser importante para obtê-lo, as mulheres não precisavam referenciar o marido para se afirmar. Em suas palavras, “[...] *nbt pr* é um termo que se refere às mulheres casadas como um status na casa, sem qualquer referência ao marido, ou seja, o título é uma designação da mulher nos seus direitos individuais.” (Silva, 2012, p. 76). No final do dia, ambos saem beneficiados no matrimônio, já que podemos o colocar como um rito de passagem para o início da formação de sua própria família, sendo destacado por Thaís Rocha da Silva como um “ideal social” (2012, p. 76).

Quando pensamos essas mulheres egípcias, sendo *Senhoras da Casa*, ou em qualquer outra esfera da sociedade, vivendo suas vidas plenas, notamos como se dava as relações de gênero no Antigo Egito, como nos diz Barbara Watterson

Na sociedade egípcia antiga, uma mulher tinha direitos legais iguais aos de um homem da mesma classe social e tinha a mesma expectativa de vida após a morte. Tal consideração para com as mulheres era rara em outras sociedades antigas. O Egito faraônico não era uma sociedade exclusivamente dominada por homens, na qual as mulheres eram vistas pelos homens apenas como máquinas reprodutoras ou animais de carga. Em vez disso, foi uma em que lhes era permitido exercer um grau de liberdade e, em alguns casos, influência, além dos limites do lar [...] (1991, p. 1).²³

Assim, podendo elas, administrar seus bens, queixar-se dos males que sofreram, inclusive em seus relacionamentos familiares, podendo se valer de direitos jurídicos para tanto, como o divórcio. Além disso, a historiadora Margareth Bakos aponta que

as mulheres eram tratadas como os homens em todas as instâncias da vida social. Elas andavam livremente pelas ruas, sem véus na cabeça ou no rosto, porém havia, certamente, alguns setores nas casas reservados ou considerados especiais para as mulheres. Entretanto, elas nunca estiveram confinadas neles (apud Caria, 2013, p. 94).

No caso das *Senhoras da Casa*, suas vivências não eram exclusivas de suas residências, mas era lá o seu lugar de maior influência, como esposa, como senhora de seus servos, como mãe. E ser mãe nos parece ter sido um propósito a ser alcançado pelas mulheres

²³ In ancient Egyptian society a woman was accorded legal rights equal to those of a man from the same social class and had the same expectation of a life after death. Such consideration towards women was rare in other ancient societies. Pharaonic Egypt was not an exclusively male-dominated society in which women were regarded by men merely as breeding machines or beasts of burden. Instead it was one in which they were allowed to exert a degree of freedom and, in some cases, influence, beyond the confines of the home [...] (tradução nossa).

no mundo antigo, como as mesopotâmicas e as antigas egípcias, notadas no relato de parto da Dama Red-Djedet, “Aquele que funda o que deve durar”. Conhecemo-la no papiro Westcar, que narra sua história como uma boa mãe que deu a luz a três faraós da V.^a Dinastia do Reino Antigo. Seu parto revela singularidades do ser mãe no Egito, e quando apresentou dificuldades, os deuses foram invocados para a ajudar. Mas, como se deu os detalhes do parto da Dama Red-Djedet, é uma outra história (Jacq, 1998).

CAPÍTULO II

NAScer, CRESCer, TORNAR-SE ADULTA, SER UMA MULHER EGÍPCIA CASADA

2.1. E assim, nascem uma, duas, três crianças da dama Red-Djedet



24

Certo dia, Red Djedet sentiu muitas dores e seu parto estava difícil, então Rê, senhor de Sakhbu, disse à Ísis, Neftis, Meskhenet, Heket e Khnum:

- Vão e ajudem Red Djedet a dar à luz às três crianças divinas que estão em seu ventre e que reinarão por todas estas terras. Serão eles que irão construir seus templos nas suas cidades, guarnecer seus altares, apresentar suas libações e aumentar suas oferendas divinas! (9,21-9,27)²⁵

Faltava pouco para o seu parto, e é com dores intensas, que a dama Red-Djedet dá à luz a seus três filhos, que com a graça dos deuses, chegam ao mundo saudáveis, com “ossos fortes, membros cobertos de ouro e toucado de verdadeiro lápis-Lazúli” (Brancaglion; Facuri, 2010), e são nomeados por Ísis, chamados de Userref²⁶, Sahure²⁷ e o terceiro, Keku²⁸. Conforme iam nascendo, Ísis os deitava sobre um leito de tijolos, e no fim, abençoa-os e os apresenta ao seu pai. Conforme o que nos contam Brancaglion e Facuri (2010), o pai seria um sacerdote-*wab*²⁹ de Rê, senhor de Sakhbu³⁰, e a história do nascimento dos seus filhos é o

²⁴ Trecho do conto *O Nascimento dos Reis*, traduzido do hierático para o hieróglifo, disponível em: Brancaglion; Facuri (2010, p. 151-152).

²⁵ Tradução para o português (Brancaglion; Facuri, 2010).

²⁶ O conto narra uma história remetendo-se a pessoas reais, sendo os personagens representações de faraós da V Dinastia. Userkaf seria a representação do faraó homônimo, e sua mãe, na realidade, chamava-se Khentkaus.

²⁷ O segundo faraó da V dinastia também chamava-se Sahure.

²⁸ Que representa o terceiro faraó da V Dinastia Neferirkare Kakai.

²⁹ Uma categoria secundária de sacerdotes, que, no geral, eram responsáveis pelas tarefas de manutenção dos templos e dos rituais, portanto sua função exigia pureza, carrega em seu título, na palavra *wab*, que significa "aquele que é puro".

³⁰ Provavelmente Sakhbu seria a atual cidade de Zat el-Kom, cerca de 20 km a noroeste da cidade do Cairo. Foi, provavelmente, construída sobre um canal paralelo ao Nilo (2010, p. 123).

quinto de 5 contos³¹, que trazem consigo a história do fim IV Dinastia e o início da V, com os novos faraós, dando uma origem divina a essa nova família real. Segundo Brancaglione e Facuri, pela formatação e escrita simplificada do texto, é provável que “estes contos foram originalmente transmitidos oralmente e mais tarde fixados em texto” (2010, p. 114), o que explica a distância de aproximadamente 7 séculos entre a história contada e sua escrita. O conto, localizado no papiro de Westcar³², é revelador das singularidades desse momento tão importante nas vidas das mulheres egípcias, pois detalha o nascimento da criança, assim como nos informa sobre o pós-parto das mulheres.

Começamos por compreender um pouco da participação do pai no processo do parto, quando ele se mostra preocupado com sua esposa e pede a urgência da ajuda das deusas, quando diz: “Minhas senhoras, vejam, minha esposa está sofrendo, seu parto está sendo difícil!” (Brancaglione; Facuri, 2010). Elas chegam e são ágeis em dar suporte à parturiente. A partir disso, entendemos que a Literatura tem uma função fundamental para a leitura de uma determinada época, mais de seu tempo de escrita, que o período histórico sobre o qual retrata, como pontua a historiadora Sandra Jatahy Pesavento

Se a História Cultural está em busca do resgate das representações passadas, se almeja atingir aquele reduto de sensibilidade e de investimento primário na significação do mundo, a Literatura é uma fonte realmente especial: ela pode dar ao historiador aquele algo a mais que outras fontes não fornecerão (2012, p. 66).

Portanto, nas linhas e entrelinhas do conto, podemos perceber desde a agitação paterna com a chegada dos bebês, ou na atuação das deusas na hora do nascimento, que revela, por exemplo, como as parteiras agiam no parto. Barbara Watterson narra que, provavelmente, em um parto da vida real, ao sinal da mãe que está prestes a parir, a parteira se abaixaria a sua frente, encorajando-a até que, como com Red Djedet, viesse à luz, o recém-nascido (1991, p. 90)³³. Pensando o conto como uma fonte para a História, Pesavento nos alude que

³¹ Segundo os autores, o papiro Berlim 3033 forma um conjunto de “contos emoldurados”, que se transformam em um eixo organizador de idéias, valendo-se da transmissão de valores morais da elite. Logo, provavelmente escrito durante o Reino Médio ou no Período Hicso (II Período Intermediário), c. 1650 aEC., suas narrativas se passam no Reino Antigo, as quais são contadas ao faraó Khufu, (c. 2551-2584 aEC), segundo faraó da IV Dinastia e um dos construtores das Pirâmides de Gizé.

³² Localizado atualmente no Museu de Berlim (Papiro Berlim 3033), fez parte, primeiramente, da coleção de Henry Westcar (1798-1868), que o comprou em terras egípcias, por volta de 1823 e 1824. O papiro chega às mãos do egiptólogo alemão Richard Lepsius (1810-1884), em 1838, por doação de Mary Westcar, prima de Henry Westcar. Após a morte do egiptólogo, o papiro passa a ser parte da coleção do Museu de Berlim, sendo traduzido pela primeira vez em 1890, por Adolf Erman (2010, p. 113-114).

³³ Do original: “in real life, a midwife would probably have squatted in front of the woman in labour, usually making no attempt to interfere with the progress of the birth, but encouraging her until, as with Reddjedet, ‘the child slid into her hands’” (tradução nossa)

A Literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. [...] Para além das disposições legais ou de códigos de etiquetas de uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma (2012, p. 66).

Assim, seguiremos, neste trabalho, utilizando de fontes literárias para se envolver mais com o pensar e agir egípcio, assim como, deliciar-nos com o sabor de escritos ricos em seus enredos, ensinamentos e filosofia de vida, corroborando com Valdeci Borges quando diz que “a literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere” (Borges, 2010, p. 98). Assim como vislumbrando o que nos enuncia Sandra J. Pesavento acerca das representações enquanto portadoras do simbólico, trazendo consigo mais do que mostram ou enunciam, contando-nos, nas suas entrelinhas, aspectos do seu cotidiano, que são construções sociais e históricas, que se cristalizam no inconsciente coletivo, apresentados como processos naturais, que, neste trabalho, refletiremos com cautela (2012, p. 28-29).

Desse modo, compreendendo que este e outros contos podem nos trazer detalhes da vida cotidiana, como no caso da Dama Red Djedet, que após o nascimento de seus filhos, passou por um “período de purificação de quatorze dias” (Brancaglioni; Facuri, 2010, p. 126), momento em que, segundo nos conta a historiografia, foi auxiliada pela figura da ama, que amamentava, cuidava e educava a criança em seus primeiros anos de vida. Na figura abaixo, podemos ver uma representação da amamentação no Antigo Egito.

Figura 7 - estatueta de uma mulher amamentando uma criança e sendo cuidada por outra. Atualmente, localiza-se no Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque, Estados Unidos.



Fonte: Site do Metropolitan Museum of Art. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/544225>. Acesso em: 25 de jun. de 2026.

Nas representações deixadas pelos antigos egípcios, a ama aparece reverenciada por aqueles com quem conviviam. Não à toa, Maatkare, personagem do romance histórico *Um mergulho para o Alto* (2002)³⁴ de Tânia Carvalho, cuidada por sua ama Nibirat, sempre a trata com intimidade e seu relacionamento releva-se cômico, quando ainda criança, ao tempo em que discute com ela, a menina a vê como um porto seguro.

A ama mostra-se preocupada com os modos, com a educação e com o bem-estar da criança. Em alguns acontecimentos, revela-se certa angústia de sua parte, quando a menina se sente mal, principalmente, quando demonstra preocupação sobre como explicar a situação de Maatkare aos seus pais (Silva; Mariano, 2024, p. 592).

No artigo *Traçando um diálogo entre História e Literatura: As representações da mulher no Egito Antigo em Um Mergulho para o Alto de Tânia Carvalho* (Silva; Mariano, 2024), nós observamos que, na historiografia, as amas, quando ligadas às altas classes, aparecem como oriundas da nobreza - em relação a Nibirat, no livro, não fica clara sua origem. Contudo, segundo Liliane Cristina Coelho, a documentação de Deir el-Medina nos revela que as amas não eram um privilégio das famílias nobres e da elite, já que uma carta de um artesão da vila fala sobre o pagamento a uma mulher que havia aumentado suas três filhas (2009, p. 142). Elas também aparecem sendo referenciadas como “aquela que criou o deus”, “a do doce seio”, “vigorosa a amamentar”, “aquela cuja pele foi tocada por Hórus”, ou, como Sutrê, a ama da rainha faraó Hatshepsut, ter sua estátua em um templo (Jacq, 1998, p. 193). Christiane Noblecourt nos diz que a função de ama, quando das classes mais altas, por vezes, estendia-se para a de preceptora, isso explica sua origem ser nobre, já que precisariam atender às exigências da elite, e para tanto necessitavam de alta instrução para auxiliar nos estudos de seus pupilos (1994, p. 101).

Conforme cresciam, as meninas - assim como os meninos -, representadas na iconografia nuas, com o dedo na boca ou com um rabo de cavalo na lateral da cabeça, como na figura 8, divertiam-se com brincadeiras, jogos e acrobacias, que, com a prática, levavam-nas a futuras perfeitas execuções de danças ritualísticas. Algumas delas também tinham acesso à educação, sendo priorizado o acesso aos meninos (Noblecourt, 1994, p. 227-231).

³⁴ Já apresentado na introdução.

Figura 8 - Escultura de Seneb, sua esposa e seus dois filhos. Localizada no Museu de Antiguidades Egípcias, ou Museu Egípcio, Cairo, Egito.



Fonte: Wikipedia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Seneb#/media/File:%C3%84gyptisches_Museum_Kairo_2019-11-09_Seneb_01.jpg . Acesso em: 20 de fev. de 2026.

As meninas também tinham a possibilidade de aprender ofícios, tendo, desde a infância, contato com eles. Liliane Coelho diz que “a menina continuava a ser educada pela mãe, que a iniciava nas atividades domésticas e, possivelmente, na tecelagem, já que esta era uma atividade exercida em sua maioria por mulheres” (Coelho, 2009, p. 157-158), assim como em outras ocupações, como aquelas que envolvem música, como na figura 9.

Figura 9 - Mulheres tocam seus instrumentos e, no centro, a figura de uma menina que aprende com elas. Via Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque, Estados Unidos.



Fonte: Site Flickr. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/menesje/6258506721> . Acesso em: 20 de fev. de 2026.

Assim, observamos, a partir de nossas leituras, que no Antigo Egito, as mulheres podiam exercer diversos papéis na sociedade, seja tocando um instrumento, dançando profissionalmente, seja exercendo cargos na administração, como veremos a seguir.

2.2. E assim, forma-se uma mulher adulta

Com o florescer da vida adulta, as mulheres, já inseridas no espaço público, participavam ativamente das atividades cotidianas, lado a lado dos egípcios, propiciando uma “harmonia tão querida” na concepção filosófica dos antigos, quando reforçam, em seus atos, a busca incessante pela *maat*. Lúcia Serpa, em sua tese intitulada *Em busca de Osíris: O Mistério no Egito Antigo* (2021), alude-nos acerca da busca pelo equilíbrio social, tão prezada pelos antigos, já que a *maat*

é a totalidade de todas as coisas que possuem realidade, existência, essência, está em toda a parte, permeia toda a Criação e isso, como nos lembra Obenga, significa que “Maat é pertinente a todas as esferas da realidade, a divina ou a sagrada, a cósmica, a física, a política e a familiar” (Obenga, 2004, p.24 apud Serpa, 2021, p. 156).

Era parte de seu cotidiano, sua filosofia de vida, sua “prática de ser e existir na terra, o próprio ato de viver” (Serpa, 2021, p. 157). Convinha, portanto, a procura do equilíbrio social entre os sexos, assim nos conta a historiografia dos anos 1990, como Christiane Noblecourt, quando remonta a ideia de que, sendo o homem e a mulher criação divina, e regidos pela ordem dos deuses, sua missão era serem pessoas melhores sem infringir a *maat*. Logo, a autora declara que, durante o Egito faraônico, pode-se notar que ambos os sexos eram dotados de certa equidade dentro de seu contexto cotidiano, assim como, a mulher vivendo a sua plenitude e feliz (Noblecourt, 1994). Christian Jacq continua com essa concepção quando pontua que a mulher era “bela, serena, luminosa, ela contribuiu da maneira mais ativa para a construção diária de uma civilização que cultivou a beleza, nomeadamente a feminina” (1988, p. 18-19). Noblecourt também referencia o aspecto religioso, pois

Não se poderia esperar menos de um povo que fizera da deusa Ísis “Senhora do Gênero Humano”, a irmã cuidadosa, a esposa fiel, amante providente tornada maga para inventar, com seu talento, os meios de perpetuar a virilidade perdida de Osíris para além da morte, transmitindo a sucessão deste a seu filho” (1994, p. 207)

Mas, nas produções mais recentes, aparecem alguns apontamentos que nos fazem questionarmos se *haveria mesmo igualdade de gênero entre os antigos egípcios? As egípcias realmente possuíam os mesmos direitos jurídicos que os homens?* Se havia esses direitos, na

prática, *elas realmente eram exercidos plenamente?* Para refletirmos sobre essas indagações, precisamos apontar algumas questões.

Primeiramente, quando pensamos nas pesquisas sobre o Antigo Egito, devemos ter em mente que, vivendo em outro momento histórico, os egiptólogos lidam com fontes escassas sobre o seu objeto de estudo, procurando, através deles, elucidar, em seus escritos, as especificidades dos antigos, traçando uma análise comparativa entre eles e os demais conterrâneos do Mediterrâneo (Silva, 2013, p. 99). Vale-nos destacar, que, ao pensarmos as mulheres na Mesopotâmia, comparando-as com as egípcias, por exemplo, de fato, no Egito, a atuação social e os direitos jurídicos femininos são mais efetivos e satisfatórios às mulheres. Em diversos âmbitos da sociedade, vemos a mulher egípcia protagonizando cargos de destaque, com influência em acontecimentos históricos decisivos, com algumas mulheres excepcionais chegando a cargos, a citar Hatshepsut, que chegou ao poder como faraó³⁵. Isso não quer dizer que as mulheres mesopotâmicas não eram ativas em suas vivências cotidianas, pelo contrário, através das fontes históricas estudadas pela Assiriologia³⁶, a título de exemplo, temos a pesquisadora brasileira Anita Fattori (2021), que nos dá acesso a uma gama de histórias de mulheres que se mostraram assíduas nas mais diversas teias de sociabilidade que faziam parte.

Assim como na Mesopotâmia, o Egito se constituía como uma sociedade altamente hierarquizada. Ei-lo, um outro ponto importante para nós. Lá estava, no topo da organização social egípcia, a ordem divina - os deuses -, depois, na representação humana do divino, o faraó, sua família real, descendo para o corpo burocrático, com a figura do vizir, do sacerdote, entre outros, depois o corpo artístico, os artesãos, os dançarinos, musicistas, e por fim, os camponeses, a base que dá sustento a essa estrutura. Não podemos, portanto, retirar a figura feminina dessa hierarquia, e em todos os aspectos e âmbitos sociais que quisermos pensar essas mulheres, a sua posição social deve ser analisada dentro dessa organização. Outro aspecto importante para refletirmos tem relação com o fato de que, em quase sua totalidade, a produção das fontes egípcias que temos acesso foram feitas por uma elite letrada masculina (Balthazar, 2011).

³⁵ A citar a mulher-faraó viveu durante o Reino Novo, na XVIII Dinastia e reinou por 20 anos. Para mais, ver: Joyce Tyldesley *Hatchepsut: the female pharaoh* (1996), e Aline Sousa *A Mulher-Faraó: representações da rainha Hatshepsut como instrumento de legitimação (Egito Antigo – Século XV a.C.)* (2010).

³⁶ Na monitoria de História Antiga I (2024.2/2025.1)), na UFPB, podemos nos aventurar em pesquisas sobre mulheres mesopotâmicas e nos deparamos com alguns títulos que destacam as vivências femininas na Mesopotâmia. Para saber mais, ver: Michel; Lion (2005), Denicol & Bittencourt (2019), *Compêndio Histórico de Mulheres da Antiguidade: a presença das mulheres na Literatura e na História* (2021, p. 233-307), Fattori (2020; 2025) e Moreira (2022).

Colocado isto, voltando à fala de Noblecourt (1994, p. 207), ao reforçar a imagem da deusa Ísis como ideal para as mulheres egípcias, concordamos com Balthazar, quando o autor pontua que o discurso em torno da figura da deusa “legitimou a importância do papel desempenhado pela esposa e pela mãe do faraó” (Balthazar, 2011, p. 8), ligando, assim, o papel social da mulher ao do matrimônio e o da maternidade. Gay Robins vai um pouco além quando destaca que essas mulheres poderiam conquistar e possuir bens, sendo, teoricamente, iguais aos homens no direito jurídico, mas, nas palavras da autora, “uma mulher sem a proteção de um homem estava provavelmente em muitos casos em risco de exploração”³⁷ (Robins, 1996, p. 191).

Desse modo, questionamo-nos se haveria realmente a possibilidade de exercício, pelas egípcias, desses direitos e dessa igualdade tão falada. Entretanto, reforçamos que é incontestável sua forte atuação em diversos âmbitos, porém há sinuosidades nessa participação, que devem ser pontuadas, como a integração das mulheres em cargos políticos de decisão, que quando acontecem são exceções à regra. Observando a passagem dos egípcios pelos Períodos Intermediários³⁸, em particular, o Primeiro Período³⁹, notamos que, frente a essas crises sociais, há ocasiões em que vemos oscilações no status social das mulheres, tendo acontecido declínio na sua atuação administrativa, por exemplo. Segundo a egiptóloga Carolyn Graves-Brown, durante o Reino Médio, as mulheres parecem ter tido menos cargos na Administração egípcia, diferentemente do Reino Antigo, quando sua atuação aparece forte e significativa (Graves-Brown, 2010, p. 22-23; Noblecourt, 1994, p. 233). Podemos, a partir dessa experiência, inferir que, durante o fim do Reino Médio e o Segundo Período Intermediário (1783-1550 aEC)⁴⁰, quando, na dominação hicsa na região do Delta egípcio, há a introdução de uma organização social e cultural diferente da dos povos que ali habitavam, as mulheres passam por dificuldades em sua participação efetiva em espaços administrativos. Contudo, isso não significa uma mudança radical em suas vidas, como pontua Graves-Brown, “não precisamos presumir que isso também tenha feito parte de uma mudança geral no status e nos papéis de todas as mulheres. Para isso, precisaríamos analisar mais extensivamente as evidências que abrangem as mulheres não pertencentes à elite” (2010, p. 23).

³⁷ Do original: “a woman without the protection of a man was probably in many cases at risk from exploitation” (Tradução nossa).

³⁸ Esses períodos são caracterizados por crises políticas, sociais e econômicas.

³⁹ Momento em que os nomarcas - governantes de províncias, os nomos -, aproveitando-se do processo de descentralização do poder faraônico, no final da VI Dinastia (c. 2323-2150 aEC), assim conquistando mais autonomia e declarando os territórios de seus nomos como suas propriedades (Cardoso, 1998, p. 80-81).

⁴⁰ Para detalhes sobre a dominação hicsa, ver: Ciro Flamarion Cardoso, 1998, p. 106-110.

Mas, é notável uma tendência a designar às mulheres o espaço doméstico. Ficando perceptível quando aparecem os primeiros indícios do uso do título *Nebet-Per - Senhora da Casa* - sendo datados do Reino Médio (Silva, 2012, p. 75). Todavia, exercendo plenamente ou não de seus direitos, as fontes nos revelam que, apesar da forte indicação de que “o lugar relegado à mulher egípcia” foi sua casa e sua família, isso não significou seu isolamento “no privado, podendo perpassar livremente os espaços” (Balthazar, 2011, p. 10). Assim, vemos nessas fontes, que a presença feminina nas ruas, nos templos, no comércio, escoando pela administração e, até mesmo, em algumas exceções, pela política.

Uma mulher podia igualmente ser inspectora do Tesouro, superiora das estufas e da casa da tecelagem, dos cantores e dos bailarinos, da sala das perucas, etc. Em suma, e à excepção do exército, estavam-lhe abertos quase todos os setores de atividade que caracterizavam a civilização faraônica. (Jacq, 1998, p. 226)

Lá estavam elas, fazendo o Antigo Egito acontecer, como parteiras, preceptoras, amas, como Nibirat, ou sacerdotisas, como Maatkare. A jovem, desde sua infância, conta-nos Carvalho (2002), sonhava com o dia que iria ser iniciada no templo de Aton, e quando seu desejo é realizado, parece estar vivendo o ápice de sua vida. Estar no templo para os ritos de iniciação era um momento imprescindível para a vida sacerdotal, pois era a partir deles que poderiam ter acesso ao conhecimento do Divino (Carvalho, 2017 apud Serpa, 2021, p. 129). Nas entrelinhas da literatura de Tânia Carvalho, podemos notar que, no sacerdócio, havia certo equilíbrio entre a atuação feminina e masculina. Esse aspecto também é referenciado na literatura de Christian Jacq, quando ele aponta que há uma

ausência de rivalidade espiritual e intelectual entre homens e mulheres. Trabalharam juntos nos templos e formaram comunidades dirigidas ora por um homem ora por uma mulher, embora existissem caminhos iniciáticos especificamente masculinos ou femininos, que no entanto se cruzavam no essencial [...]” (Jacq, 1998, p. 56)

Assim como no sacerdócio há espaços específicos às mulheres, há ofícios designados às figuras femininas, como no caso das carpideiras.

Figura 10 - Carpideiras no cortejo fúnebre representado na tumba do vizir Ramose, em Gurna (TT55, Egito).



Fonte: Angel Kuenka. Disponível em: <https://angelkuenkasite.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/09/cortejo-funerario-tumba-de-ramose2.jpg>. Acesso em: 26 de fev. de 2026.

Na figura 10, vemos, no lado direito, mulheres vestidas de branco, sem ornamentos, com os seios nus, “[...] desoladas, lamentam-se, dão gritos de dor, evocam o bom pastor que partiu para o país da eternidade [...]” (Jacq, 1998, p. 293). E assim, exerciam seu trabalho que lhes davam o direito a possuir bens. Notaram que a menina está a aprender o ofício das carpeideiras? As adultas estão ensinando como exercer sua profissão adequadamente.

É sabido também que algumas mulheres tinham acesso à educação, podendo exercer cargos de escriba, escrever correspondências e até mesmo, poesias. Em Deir el-Medina, temos evidências de algumas cartas trocadas diariamente entre os seus moradores, em que relatavam transações, problemas familiares e confidências⁴¹. Esse acesso ao letramento permitiu a mulheres como a Dama Tchat, exercer cargos como especialista em finanças. Ela vivia no Reino Médio, durante a XII Dinastia, em Beni Hassan no Médio Egito e trabalhava na casa de um ilustre governador local, chamado Knum-Hotep. Lá, era estimada e detinha títulos como “tesoureira e guardiã dos bens do seu amo” (Jacq, 1998, p. 241- 242).

As mulheres podiam comercializar, e em muitos casos, eram produtos de seu próprio trabalho, como roupas e outras mercadorias que excediam de suas casas, como pão, peixe e vegetais. Haydée Oliveira nos apresenta um caso de mulheres comerciantes em Deir el-Medina (figuras 11 e 12)

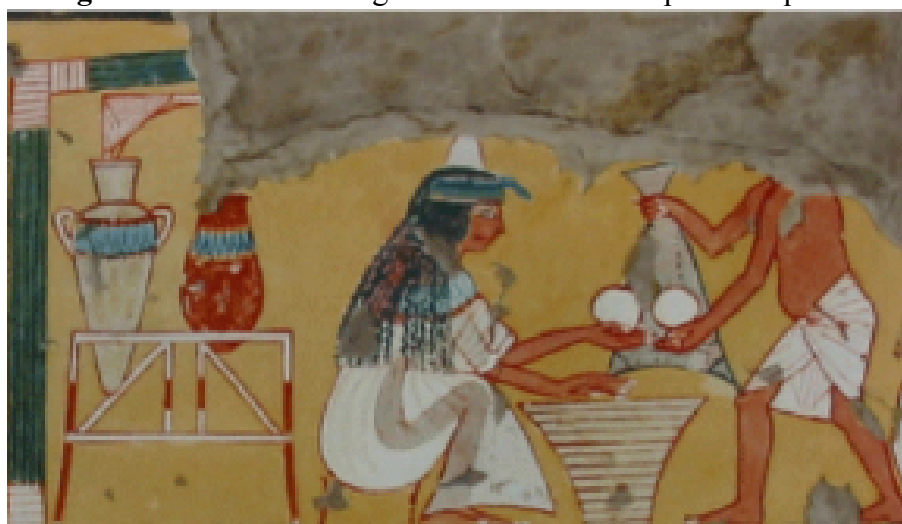
⁴¹ Para saber mais, ver: Haydée Oliveira (2005) e Christian Jacq (1998).

Figura 11 - Na cena, vemos, à direita, um barco sendo descarregado nas margens do rio Nilo, e, ao seu redor, mulheres negociando. Tumba n.º 217 do cemitério de Deir el-Medina, Egito.



Fonte: Davis, 1927 apud Haydée Oliveira, 2005, p. 152.

Figura 12 - Recorte da figura anterior. Canto superior esquerdo.



Fonte: Davis, 1927 apud Haydée Oliveira, 2005, p. 152.

É interessante perceber que não muito distante de terras egípcias, no II.º milênio aEC, mulheres mesopotâmicas também comercializavam, trocavam cartas, representavam legalmente suas famílias. Dentre elas, destacam-se Tarām-Kūbi e Šīmat-Aššur, duas irmãs, filhas e esposas de comerciantes, que, nas palavras de Anita Fattori, ao darmos atenção a sua atuação, percebemos que suas ações como protagonistas não se dá pela ausência dos seus maridos, pelo contrário, “[...] temos a possibilidade de ver a vida e o cotidiano de mulheres comuns dentro da teia de relacionamentos que faziam parte.” (Fattori, 2021, p. 265). Ou seja, elas eram comerciantes, fazia parte de quem eram, de seu exercício social. Não diferem delas, as egípcias.

Podiam elas exercerem muitos papéis nesse contexto social em que viviam, um deles era o casamento, um marco na vida dos jovens, seja homem ou mulher, “um ato social, ou seja, não era consagrado por nenhuma sanção ritual ou administrativa”, mas configurava-se

como “um ato jurídico, o casamento comportava consequências econômicas ligadas a questões como legitimidade, herança e sucessão.” (Sousa, 2008, p. 2). Mas para casar, é preciso, antes de mais nada, dos preparativos e, às vezes, de uma pitada de amor.

2.3. E por fim, torna-se esposa

Desfrutavam de um amor arrebatador, Maatkare, a única flor de lótus do lago da vida de Kefraton. Mas a sacerdotisa estava prometida a outro homem, isso entristecia os amantes, que lamentavam não poder viver a vida casados. É em meio a uma mistura de sentimentos aflitos, que o amor os encoraja, e casam-se, eles dois, tendo apenas Aton como testemunha, seu Único e Adorado Deus. Extasiados com a visão do céu estrelado, na sacada de seu quarto, a jovem, obstinada a se tornar ‘esposa’ de seu amado, mesmo que às escondidas, dá o primeiro passo para a consumação de seu ‘casamento’, quando com ternura enche-o de beijos, a começar por sua orelha, perpassando seu rosto e todo o seu corpo, seguindo os demais passos para unir a aura do amante à sua. Assim como aprendeu nas suas aulas de amor e saúde da mulher, a sacerdotisa, ao finalizar sua parte, recebe o ato de amor de seu companheiro, que agora, repete em sua amada, o que recebeu, tomando-a, com sua aura. Finalizam o ritual do amor, quando juntos, nas palavras de Maatkare, “sufocamo-nos de amor, misturamos nossas auras, nossas águas, nosso fogo. Perdemos no tempo, encaixamos-nos na eternidade” (Carvalho, 2002, p. 100-108).

Maatkare nos leva ao centro da leveza que o amor carrega, e Tânia Carvalho narra com maestria o ritual do amor de seus personagens. Na poesia egípcia, também encontramos representações do amor livre, o amor que acalenta a existência do ser. Seja quando o eu-lírico feminino nos ilumina com a leveza da sua paixão por seu irmão⁴², ou quando o masculino revela a ardência de seu desejo por sua amada. Esses poemas podem ser reveladores, posto que abordam diferentes ângulos e percepções sobre amor e o matrimônio. Vejamos um desses poemas:

Meu irmão agita meu coração com sua voz, o tormento apodera-se de mim.
Ele é vizinho da casa de minha mãe e não posso chegar até ele.
Minha mãe tem razão ao dizer-me: “Para de olha-lo!”
Mas meu coração sofre quando penso nele, sou tomada pelo amor que sinto por ele.
De fato ele é um tonto, mas sou como ele.
Ele não sabe o desejo que tenho de tomá-lo nos braços, senão já teria escrito à minha mãe.
Ó, meu irmão, quisera eu ser dada a ti pela Deusa de Ouro das mulheres!⁴³

⁴² Trata-se, na literatura egípcia, da pessoa amada e não de laços biológicos (Gralha, 2012, p. 192).

⁴³ A deusa Hathor.

Vem a mim, para que contemple tua beleza, meu pai e minha mãe ficarão encantados, toda minha família te aclamará em uníssono, eles te aclamaram, ó meu irmão (Araújo, 2000, p. 303-304 apud Gralha, 2012, p. 192-193)⁴⁴

No poema, com seu eu-lírico feminino, observamos a representação do amor livre da jovem moça, que convida o seu amado para pedir permissão a sua mãe para se casarem. Julio Gralha aponta que esses versos manifestam uma “afeição livre da jovem e da família, e sobretudo, nos matrimônios comuns e de segmentos menos favorecidos” (Gralha, 2012, p. 193), dando-nos abertura para inferir que essas uniões poderiam acontecer por amor, assim como por interesse políticos de poder ou patrimônio. Por outro lado, devemos ponderar sobre o que Haydée Oliveira elucida acerca dessa literatura. Segundo a autora, a literatura lírica amorosa não pode ser lida como um guia dos hábitos sociais, porque, para ela, “questiona a importância do amor em relação aos aspectos econômicos e sociais na hora da escolha dos parceiros para seus filhos. Para ela, os poemas são sem sombra de dúvida um bom passatempo” (Oliveira, 2005, p. 270).

Mas, qual literatura não seria? Não à toa, ao deliciar-nos com aquela de Tânia Carvalho, percebemos alguns aspectos que valem uma análise historiográfica, como o ritual do amor enquanto uma afirmação de um casamento. Haveriam cerimônias ou contratos de casamento no Antigo Egito?

Thais Rocha da Silva enfatiza que o casamento seria, para os antigos, um ideal social, em que ambos sairiam beneficiados, pois lhe dava um status privilegiado em seu grupo (2012, p. 76). Assim, perguntamo-nos: *como se dava a oficialização desse casamento?* Em uma mão temos alguns autores que afirmam haver formas de validação legal dessas uniões. Segundo Teresa Rodrigues, desde o século XII aEC, havia documentos em que se asseguram direitos para a mulher e as crianças em caso de divórcio, contratos estes que ocorriam entre pessoas do mesmo nível social, até mesmo entre a família real (Rodrigues, 1990, p. 34 apud Caria, 2013, p. 98). Ao pontuar que os súditos e escravizados restavam a coabitação, Rodrigues leva-nos a inferir que esses contratos limitavam-se à elite.

Ao parafrasear Pierre Montet (1989), Thamis Caria levanta o argumento de que os antigos egípcios, tão ligados às suas crenças religiosas, não as teriam dissociado da oficialização de seus matrimônios, pontuando que a ritualização do casamento daria-se, principalmente, quando há uma alusão a ida do homem casado para a peregrinação de Abidos

⁴⁴ Esse poema se encontra no Papiro Chester Beatty I, descoberto em 1928, na tumba 1165 em Deir el-Medina, datado da XX Dinastia (1196-1070 aEC). Alessandra do Vale, em sua tese de doutorado, faz uma análise do papiro e dos demais poemas nele contidos (2023, p. 65-96). Aqui, analisaremos dois poemas situados no primeiro conjunto de sete poemas do papiro, intitulados *poemas da grande felicidade do coração*, sendo este o segundo deles, e o próximo, o primeiro.

(centro de culto ao deus Osíris), para onde ele leva sua esposa, a fim de oferecerem, ao deus, um sacrifício em troca de uma benção (Caria, 2013, p. 98). A autora enfatiza um outro pressuposto defendido por Montet, quando ele diz que, na apreciação dos antigos por refeições em família, os noivos se reuniram com suas famílias para celebrarem um dia de festa (Montet, 1989, p. 57 apud 2013, p. 98). Um exemplo de uma possível cerimônia de casamento seria a figura 13, em que Tutancâmon e sua esposa Ankhsenamon compartilham um par de sandália, ele com a sandália no seu pé esquerdo, e ela, no direito.

Figura 13 - Tutankamon sentado e sua esposa Ankhsenamon a sua frente. Vale dos Reis, Tumba de Tutankamon. Encosto para as costas do trono de ouro (KV62 JE 62028), Museu Egípcio, Cairo.



Fonte: Wikipedia. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Anquesenamon#/media/Ficheiro:Tutankhamun_and_his_wife_B._C._1330.jpg.

Acesso em: 25 de jun. de 2026.

Por outro lado, temos aqueles pesquisadores que dizem não haver formas de contrato, como a egiptóloga Gay Robins, que diz não existir nenhuma menção nas fontes de cerimônia legal ou religiosa para oficializar o casamento, sendo a coabitação, a ação mais provável (Robins 1996 apud Gralha, 2012, p. 191). Alessandra do Vale, por seu lado, ao analisar o seguinte trecho do poema referido: “Ele não sabe o desejo que tenho de tomá-lo nos braços, senão já teria escrito à minha mãe / Ó, meu irmão, quisera eu ser dada a ti pela Deusa de Ouro das mulheres! (deusa Hathor)” (Gralha, 2012, p. 192-193), assinala que quando o

eu-lírico revela seu desejo em “ser dada” ao seu amado, pode ser interpretado como a ideia de “ser dada” em casamento, logo, a autora reforça a concepção de que “não existem indícios de que houvessem cerimônias legais ou religiosas para formalizar tais uniões”, sendo o marco para o matrimônio o casal coabitar o mesmo lar, para assim serem reconhecidos como casados, pela sociedade (2023, p. 82-83).

Assim como o eu-lírico feminino representava seu amado, o moço apaixonado também escrevia sobre sua inspiração amorosa. Um outro poema nos enche os olhos, quando o eu-lírico masculino nos permite ler:

Ó, única, irmã sem igual, de todas a mais bela!
Ela é como a estrela da manhã ao nascer no começo de um ditoso ano.
Brilha radiosa e sua pele resplandece, sedutor é o fitar de seu olhar, doce a palavra de seus lábios, seu falar é (sempre) contido.
Longo é seu pescoço, brilhante são seus mamilos, seu cabelo é de verdadeiro lápis-lazúli, mais belo que ouro são os seus braços e seus dedos como lótus a desabrocharem.
De coxas duras e cintura fina, as pernas proclamam sua perfeição.
Gracioso é seu porte ao andar no chão, cativa meu coração (só) ao mover-se.
Ela faz todo homem virar o rosto para (melhor) contemplá-la.
Feliz aquele que ela abraça, torna-se o primeiro dos homens!
Ao sair de sua casa ela é como a outra Única⁴⁵

É notável como o autor do poema ressalta as qualidades do corpo feminino, levantando-nos uma possível idealização de beleza para a mulher egípcia, podemos notar esse aspecto nos trechos: “Brilha radiosa e sua pele resplandece, [...] Longo é seu pescoço, brilhante são seus mamilos, [...] seus dedos como lótus a desabrocharem / De coxas duras e cintura fina, as pernas proclamam sua perfeição” (Vale, 2023, p. 70-71), onde percebemos a admiração do rapaz das características da amada, o cuidado com a sua beleza e com o seu corpo. Outro aspecto que podemos perceber é a educação e a postura desejada às moças, quando o moço a elogia, dizendo: “doce a palavra de seus lábios, seu falar é (sempre) contido. [...] as pernas proclamam sua perfeição / Gracioso é seu porte ao andar no chão” (Vale, 2023, p. 70-71).

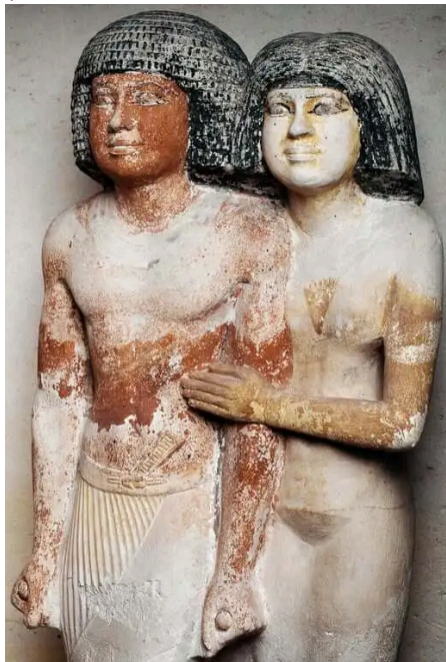
Faz-se necessário pontuar que realçar características físicas é presente nos poemas de eu-lírico feminino, mas, como nos conta Alessandra do Vale “isso não aparece tão destacado quanto nos casos referentes à amante feminina; e não são feitas comparações com a beleza dos deuses, como ocorre no outro caso” (Vale, 2023, p. 83). A forma como as mulheres são representadas na Literatura deixada pelos egípcios antigos varia de acordo com o seu autor ou possível autora. Ao falar sobre os poemas, por exemplo, Thamís Caria defende a ideia de que eles foram encomendados a escribas pela elite, mas também eram consumidos por outros

⁴⁵ O primeiro poema do primeiro conjunto de sete poemas (Vale, 2023, p. 70-71).

segmentos sociais. Logo, a depender de sua autoria, sendo ele homem, é provável que fosse uma maneira de “euforiar a figura masculina estabelecendo assim uma relação de poder no qual o homem aparentemente é privilegiado” (Caria, 2013, p. 103).

Há também, na iconografia, alguns detalhes que podem ressaltar, mesmo que minuciosamente, essa relação de poder citada por Caria. Vejamos a figura 14.

Figura 14 - Estátua de Raherka junto a sua esposa Meresankh (IV-V Dinastia, c. 2350 aEC, Necrópole de Gizé). Localizada no Museu do Louvre, França (E 15592).



Fonte: Egypt Museum. Disponível em: [Old Kingdom Statue of Raherka and Meresankh - Egypt Museum](#). Acesso em: 27 de fev. de 2026.

Nela, estão representados Raherka e sua esposa Meresankh, um casal apaixonado do Reino Antigo. Todavia, a forma como estão posicionados, o homem e a mulher, mostra-nos muito sobre como o povo egípcio foi representado pela mão da elite masculina, dado que a maioria das esculturas foram feitas por eles. Primeiramente, reparemos na disposição dos corpos, veja que Raherka está à frente de Meresankh, que se apresenta discretamente menor. Isso se dá, principalmente, porque, geralmente, o homem era o dono da tumba - com exceção daquelas damas da realeza, que possuíam sua própria -, portanto, aparecia numa posição de destaque (Watterson, 1991; Oliveira, 2005; Gralha, 2012). Barbara Watterson ainda coloca que,

[...] Embora a constituição maior do homem presumivelmente refletisse uma diferença física real entre os sexos, em alguns grupos, particularmente do Antigo Império, a distinção é muito marcada. [...] Uma maneira menos óbvia de indicar o

status inferior da esposa é que, em grupos de estátuas, ela geralmente é representada sentada à esquerda do marido, considerada inferior à direita. (1991, p. 4)

Outro aspecto que podemos refletir sobre, tem relação com a cor da pele. Na figura 14, notamos que a pele de Meresankhé, a esposa, é de uma cor amarelada-pálida, já a de Raherka, parece-nos de um marrom-avermelhado. Na análise de Haydée Oliveira, ela nos diz que a cor das mulheres ser mais clara poderia está ligada ao “fato delas serem vistas como trabalhando quase que exclusivamente dentro de casa, enquanto os homens saiam para ir cuidar de seus negócios no governo e para supervisionar as atividades em sua propriedade” (Oliveira, 2005, p. 173; Sousa, 2008). Outras imagens também refletem essa análise, como no retrato de uma família da XVIII Dinastia, Reino Novo (figura 15), em que a pele do homem é nitidamente mais escura que a das mulheres:

Figura 15 - Estátua de uma família da XVIII Dinastia. Localizada no Museu Egípcio, Egito (Cat. 3058).



Fonte: Egypt Museum. Disponível em: <https://egypt-museum.com/a-family-portrait/>. Acesso em: 27 de fev. de 2026.

No cotidiano, desde o seu nascimento, passando pela infância, até a fase adulta, as mulheres são representadas de forma idealizada, com uma beleza juvenil, corpo ideal, visual impecável, as egípcias “na maioria das vezes, eram colocadas nas cenas em uma atitude passiva em relação aos homens” (Robins, 1994, p. 36 apud Sousa, 2008, p. 3), e na literatura,

como nos poemas citados anteriormente, ou nas instruções dos sábios, não era diferente, ora elas aparecem como seres que deveriam ser cuidados, ora controlados. Ptah-Hotep⁴⁶, em uma de suas máximas, escreve ao esposo, aconselhando-o a ser gentil com sua esposa, dizendo

Se você é afortunado e estabelece sua casa,
Seja gentil com sua esposa, de acordo com o que é justo.
Alimente-a bem, cubra com vestes suas costas
Ungentos são bálsamos para seu corpo
Rejuble seu coração todos os dias de sua vida
Pois ela é um campo fértil para seu senhor
Não a condene,
Mas a mantenha distante do poder, controle-a,
Pois seus olhos são rápidos e perspicazes
Observe-a (com cuidado).
Pois assim você fará com que ela permaneça em sua casa.
Se for severo com ela, haverá lágrimas.
Ela lhe oferece favores sexuais em troca de seus cuidados
E o que ela lhe pede é que seu desejo seja saciado⁴⁷

Mas, ao mesmo tempo, pontua que o homem deve ter cuidado e a controlar, já que “seus olhos são rápidos e perspicazes” (Silva, 2012, p. 57). A instrução do sábio é clara, uma visão idealizada da vida conjugal, sobretudo da perspectiva masculina. Por agora, apenas aprecie as palavras de Ptah-Hotep, já que os detalhes sobre as mulheres casadas em suas casas, é uma outra história.

⁴⁶ Ptah-Hotep foi um Vizir, um alto funcionário que prestava serviços diretamente ao faraó, que escreveu suas instruções durante a V Dinastia, no período do faraó Djedkare Isesi (c. 2380 aEC). Ele orientava a busca do homem pela paz (Bakos, 2009, p. 37-38).

⁴⁷ Máximas de Ptah-Hotep apud Simpson, 2003, p.160, tradução de Silva, 2012, p. 57.

CAPÍTULO III

CASAR, PARIR, CUIDAR, TORNAR-SE ESPOSA E MÃE: SER SENHORA DE SI E DA SUA CASA

3.1. Vivendo como mulheres casadas, como a Dama Ankhiry

Para o competente espírito Ankhiry:

[...]

O que fiz eu contra você? Eu a tomei como esposa quando eu era jovem tanto que eu estava com você enquanto eu me desempenhava bem em qualquer tarefa (...). Eu não me divorciei de você e não lhe dei motivo para se envergonhar. (...) E quando qualquer visitante chegava a mim em sua presença, não os recebia com consideração a você, dizendo "eu farei de acordo com o seu desejo"?

Veja, você não está deixando minha mente descansar. Eu vou discutir com você e o certo será distinguido do errado. Quando eu instruí os oficiais para a infantaria e as carruagens do Faraó, eu os trazia e os fazia reverenciar você, trazendo todo o tipo de coisas finas para colocar na sua frente. Eu não lhe escondi nada durante toda a vida. Eu não lhe causei, nem deixei sofrer qualquer tipo de desconforto nas coisas que eu fiz com os modos de cavalheiro. E nem você me viu trapaceando com modos de camponês, entrando em casa estranha.

[...] ⁴⁸

Desconsolado, o oficial superior, formador dos oficiais da cavalaria em Mênfis, viúvo há 3 anos, não conseguia dar continuidade a sua vida e acreditava piamente que era culpa de sua amada esposa falecida. Em um ato de desespero, o homem escreve a sua esposa, pedindo-a que o deixe em paz, dizendo ter cuidado bem dela, desde o seu casamento, quando eram bem jovens, durante toda sua vida e após a sua morte, oferecendo-lhe o que havia de melhor. Ankhiry, a esposa amada, faleceu quando seu marido estava em uma expedição junto ao Faraó, rumo ao Alto Egito, durante a XIX Dinastia - Reino Novo. Ela já estava enferma, e o seu marido fizera tudo o que podia para salvá-la. Em sua carta à falecida, mostra-nos que ela era uma mulher bem preparada, conhecedora dos tratamentos que iria receber, e também mimada por ele, que fazia com que seus funcionários sempre a presentearassem (Bakos, 2009, p. 189; Coelho, 2021, p. 351)⁴⁹.

⁴⁸ Trecho retirado da carta escrita pelo esposo de Ankhiry, na íntegra: Wente, 1993. p.216 apud Bakos, 2009, p. 17-18.

⁴⁹ Para ver mais sobre Ankhiry: Bakos, 1994/1995; Jacq, 1998; Noblecourt, 1994.

Conhecemos sua história através do Papiro Leiden I, n.º 371⁵⁰, onde se encontra a carta do seu viúvo. Por ela, temos conhecimento acerca da representação de como era a vida conjugal de uma mulher da elite, mas que vivia cotidianamente em sua residência, como *Senhora da Casa*, vivendo plenamente, exercendo suas funções, supervisionando os serviços domésticos, já que nas representações das mulheres nobres nas tumbas, elas não aparecem com as mãos sujas (Coelho, 2021, p. 353). O marido, por sua vez, tinha a responsabilidade de sustentar sua esposa, que, quando notada fora dos ciclos da elite, estava ligada a atividades como moer os grãos, assar o pão, destilar a cerveja, cozinhar os alimentos e tecer roupas. E aquelas que viviam no campo, auxiliavam seus maridos em suas atividades (Caria, 2013, p. 99).

Além das obrigações econômicas, o esposo deveria amar e zelar por sua esposa, assim como ensinava Ptah-Hotep, quando dizia: “Alimente-a bem, cubra com vestes suas costas [...] Rejuble seu coração todos os dias de sua vida [...]”⁵¹. Vimos, ainda, a partir das representações deixadas nos poemas de amor, que a paixão entre os casais era presente entre os antigos egípcios, e na iconografia, eles exalavam, ao que nos parece, amor, companheirismo, assim como passam momentos de qualidade juntos, como na figura abaixo:

Figura 16 - Casal passando um tempo juntos, com um jogo de tabuleiro (TT001 Sennedjem, Deir el-Medina, Egito)



Fonte: Shedid, 1994 apud Oliveira, 2005, p. 254.

⁵⁰ O papiro faz parte de uma coleção com 31 objetos, localizados atualmente no Rijksmuseum Van Oudheden te Leiden, nos Países Baixos (Soliman, 2024).

⁵¹ Máxima de Ptah-Hotep, referida no final do capítulo II.

Entre os diversos casais que são mostrados como apaixonados estava a Dama Rennefer⁵² o seu esposo. Conhecemos sua história de amor através de um documento de Adoção. O Papiro Ashmolean Museum 1945.96⁵³, escrito durante a XX Dinastia, no reinado de Ramsés XI, conta-nos uma história interessante sobre até onde foi o amor e cuidado do marido pela sua companheira. A Dama Rennefer, referenciada como a musicista de Setekh, era casada com Nebnufer, ou Nebnefer, e juntos, moravam numa cidade do Médio Egito, chamada Spermeru (Van Blerk, 2020, p. 4). Lá, segundo o documento, eles viviam sua vida em harmonia, contudo não tinha filhos, o que afligia o esposo, que enfermo, temia que sua amada ficasse desamparada após sua morte. Ele encontra uma solução um tanto curiosa: adotá-la como sua filha única e herdeira de seus bens. "Fez de mim sua filha", explica ela. E assim surge o documento que chega até nós, redigido por um escriba diante de numerosas testemunhas, o qual amparou a dama após a morte de seu esposo, permitindo-a viver bem, possibilitando-a ajudar outras pessoas que estavam na sua convivência (Jacq, 1998, p. 213-214)⁵⁴.

Outro casal que exalou amor em sua história, a partir das representações, foi Nefertiti e Akhenaton, que juntos protagonizaram um dos acontecimentos históricos mais notáveis na história do Antigo Egito: a Reforma de Amarna. Segundo Gisela Chapot, o faraó Akhenaton "oferecia aos seus súditos a crença na adoração ao disco solar, fonte única da vida, criador de toda humanidade, que recusava o caos (ideologicamente necessário para monarquia), a escuridão, a morte, assim como todo rico panteão politeísta" (Chapot, 2007, p. 92). A crença em um deus que estava acima dos demais, Aton, significou um marco na vida dos egípcios que viveram na época. Mas o inusitado é quando, nos registros iconográficos, observamos a presença significativa da rainha Nefertiti. Em algumas dessas representações, de forma mais engessada, mas com as mãos dadas, símbolo da ligação amorosa do casal, como na figura 17, em outras, com mais flexibilidade, retratando cenas cotidianas, em que também aparecem as suas filhas, e há demonstração de afeto (figura 18). Contudo, ainda percebemos que, apesar da frequência na arte amarniana, o faraó ainda aparece, mesmo que discretamente, em posição de superioridade⁵⁵, quando ao lado da rainha, seja pela estatura, seja pela cor da pele, sendo apresentado com uma cor mais escura, como na figura 17.

⁵² Seu nome aparece de outras formas a depender da tradução, como Nanefer (Jacq, 1998), utilizaremos o mesmo que Thais Rocha da Silva (2024).

⁵³ Localizado na Universidade de Oxford, Inglaterra.

⁵⁴ Para saber mais, ver: Nico van Blerk (2020); Eyre (1992).

⁵⁵ Discussão realizada no capítulo anterior.

Figura 17 - Nefertiti e Akhenaton representados lado a lado. Localizado no Museu do Louvre, França.



Fonte: Explorando Egito. Disponível em: <http://explorandoegipto.blogspot.com/2014/02/el-amor-en-el-antiguo-egipto.html>. Acesso em 09 de mar. de 2026.

Figura 18 - Nefertiti e Akhenaton e suas filhas em momento de afeto familiar, resguardados pelos raios solares. Localizado no Museu Egípcio de Berlim, Alemanha.



Fonte: Wikipedia Images. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:HouseAltar-AkhenatenNefertitiAndThreeOfTheirDaughters.png>. Acesso em 09 de mar. de 2026.

Nessas representações mais intimistas, a rainha aparece com frequência, sempre ao lado do esposo. Segundo o que nos conta Júlio Gralha, no caso de Amarna, a rainha Nefertiti⁵⁶ aparece como a representação feminina do deus Aton na terra. O autor pontua que,

⁵⁶ Para saber mais sobre a rainha Nefertiti, ver: Souza, 2012.

como o deus não possuía uma deusa ao seu lado, assim como acontece com outros deuses, como Osíris e Ísis, há probabilidade do deus Aton dispor de aspectos tanto femininos, quanto masculinos. Mas, ainda sim havia um impasse: *como formar uma tríade sendo apenas Akhenaton e o deus?*, Gralha nos explica que

Na verdade, a tríade da religião de Aton era invertida, ou seja, como deus único, se desdobrava no monarca e na rainha - princípio masculino e feminino que deveriam ser cultuados em vida como o próprio deus. Torna-se mais claro o porquê de Nefertiti ser representada de forma atuante e importante em todos os cultos ligados à nova religião. Pela primeira e única vez, dois seres humanos em vida estavam desempenhando papéis divinos na tríade e são os únicos (filhas também) tocados pelos raios de Aton (Gralha, 2012, p. 199).

Juntos, os membros da família amarniana se destacam na arte egípcia, mostrando-nos um pouco de como funcionava a configuração familiar da elite na antiguidade. Para além disso, Liliane Cristina Coelho nos apresenta uma outra perspectiva da organização familiar, quando escreve que os vestígios documentais e arqueológicos das vilas operárias podem ser reveladores já que trazem singularidades dessa convivência entre famílias, situação diferente dos camponeses, sobre qual os registros são quase inexistentes (2007, p. 2-3). A relação parental parece-nos ter sido um relacionamento prezado e cultivado pelos antigos, assim como o papel dos pais, mas antes de sabermos mais sobre, vamos conhecer a nossa personagem principal, a *Senhora da Casa*, a mulher, mãe e esposa dedicada.

3.2. Tornando-se senhoras de suas casas, como a Dama Neferu

A Dama Neferu era uma rainha, a esposa de Mentuhotep II, da XI.^a Dinastia do Reino Médio, aquela que carregava consigo o título de *Senhora da Casa*, que nas palavras de Christian Jacq, “[...] possui um caráter encantador, é aquela a quem todo o universo diz: **Bem-vinda, bem-vinda sejam!**” (p. 213, grifos nossos). Em seu dia a dia, a dama Neferu governava sobre todo o ambiente que rodeava o seu lar, incluindo os servos, os animais, as terras cultiváveis e, também, as atividades artesanais (1998, p. 214). Suas tarefas cotidianas a levava a cuidar da higiene de sua casa, perfumando-a e desinfetando-a, a fim de evitar vermes e insetos, também a abastecia, sempre atenta ao que estava faltando (1998, p. 217).

As *Senhoras da Casa* da Realeza, assim como a Dama Neferu, gerenciavam o que conhecemos hoje como harém⁵⁷, um palácio das mulheres. Lá, elas tinham acesso a diversos

⁵⁷ O termo “harém” é problematizado, na historiografia, por ser homônimo do harém erótico otomano, cheio de concubinas para o seu dono (Rezende; Dias, 2019, p. 48). Os antigos egípcios utilizavam a expressão *khener* (*hnr*), que significa, segundo Graves-Brown, grupos, “geralmente de mulheres, que eram cantoras e dançarinas que desempenhavam funções de culto em templos e funerais e possivelmente, funções puramente de entretenimento” (2010, p. 92).

privilégios que o ambiente poderia proporcionar, posto que o palácio das mulheres pode ser lido como uma instituição econômica e educativa, sendo a mais importante do Egito faraônico (Rezende; Dias, 2019, p. 48). Era nesse local que acontecia o dia a dia feminino, com interações entre as mulheres, crianças e as figuras masculinas responsáveis pela vigilância do lugar. Flávia Rezende e Renata Dias, em sua monografia *A Dança do Ventre como Representação da Identidade Cultural Egípcia: do Antigo Reino ao domínio árabe* (2019), parafraseando Christian Jacq (2000), contam-nos que

Devido a sua importância educativa, econômica e espiritual, a administração do harém era muito valorizada, possibilitando abertura de caminho para carreiras brilhantes no Estado – há inclusive a suspeita de que as damas do harém possuíam influência na nomeação de altos cargos do clero tebano (2019, p. 49).

Esse espaço foi ambiente para disputas entre grandes figuras da realeza egípcia, como nos mostra o Papiro Jurídico de Turim⁵⁸, quando foi traçado um plano para o assassinato do faraó Ramsés III, da XX Dinastia, por uma de suas esposas secundárias, chamada Tiye, que objetivava a sucessão do trono para seu filho Pentaweret. A mulher contou com o apoio de militares, estrangeiros e até mesmo de sacerdotes. No final, o plano falhou e os envolvidos foram condenados (Noblecourt, 1994, p.133 apud Rezende; Dias, 2019, p. 49).

Assim como a Dama Neferu, que cuidava de um palácio para as mulheres, outras figuras femininas também podiam possuir o título de *Senhora da Casa*, como a Dama Ankhiry. Thais Rocha da Silva aponta que a titulação pressupunha alguns aspectos, como o casamento legítimo, assim como uma posição social elevada (2012, p. 73), também significava ser “provedora de herdeiros, ou a uma mulher idosa e independente ou, ainda, uma chefe de família ou mulher que possuísse propriedade, independentemente do seu estado civil” (Silva, 2024, p. 7). Dentro dos nossos limites de pesquisa, não identificamos mulheres de classes mais baixas que receberam a titulação, até mesmo pela ausência de fontes, como no caso das camponesas, por exemplo. O que podemos constatar, como aponta a autora referida, é que, se o título indicava a posição social das mulheres de elite, que tem o casamento como instrumento para adquiri-lo, é necessário, antes de mais nada, “entender de que modo esses atributos e privilégios são corporificados e, posteriormente, elencar os parâmetros pelos quais esses mesmos atributos e privilégios são escolhidos” (Silva, 2012, p. 78).

Portanto, interessa-nos pontuar algumas características do ser *Senhora da Casa* no Antigo Egito. Liliane Cristina Coelho aponta que o título *Nebet-Per* surge, e passa a aparecer

⁵⁸ Hodiernamente, o papiro está localizado no Museu Egípcio de Turim, Itália.

com frequência em estelas funerárias e nas iconografias parietais das tumbas, a partir da XI⁵⁹ ou XII Dinastia, no Reino Médio. Sobretudo referenciadas e identificadas como *Senhora da Casa* e esposa dos mortos (Coelho, 2021, p. 252-253), sendo o título presente acima da cabeça da mulher, que é representada sentada (Silva, 2024, p. 6). Parafraseando Bárbara Lesko (1996, 36), Coelho menciona que, como o título se refere às mulheres casadas, não está ligado apenas aos serviços domésticos, mas também ao cuidado com a alimentação, com os pequenos animais, com os filhos, assim como o zelo pelo bem-estar da família (2021, p. 252-253).

Logo, tendo em vista os lugares em que se encontra a referência às *Nebet-Per(s)*, vale-nos ressaltar que as representações construídas nesses espaços funerários foram produzidas sobre e pela elite. Portanto, mesmo havendo registros sobre elas em lugares como as vilas operárias, é preciso pontuar que nesses espaços também havia hierarquia social, e não podemos afirmar que as mulheres com menos poder aquisitivo recebiam a titulação. Outras possíveis fontes sobre essas senhoras foram encontradas, abrindo um leque de possibilidades para a investigação sobre elas, como na figura 19.

Figura 19 - A túnica da Dama⁶⁰ ...imentet⁶¹, relacionada ao culto da deusa Hathor (Deir el-Bahari, Tebas, Egito). Localizada no Museu Egípcio, Egito.



Fonte: Egypt Museum. Disponível em: <https://egypt-museum.com/hathor-tunic/>. Acesso em: 10 de mar. de 2026.

⁵⁹ Silva (2024, p. 7) defende que as primeiras aparições acontecem da XI Dinastia.

⁶⁰ A túnica faz parte da coleção do Museu Britânico. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/Y_EA43071. Acesso em: 12 de mar. de 2026. Curadoria por G. Pinch, *Votive offerings to Hathor* (Oxford 1993), pp.108–9, no.3.6, pl.20; N. Strudwick, *Masterpieces of Ancient Egypt*, Londres 2006, pp. 208-9.

⁶¹ Segundo os curadores, o nome da possível proprietária não pode ser identificado, por estar ilegível.

Na túnica, percebemos uma manga comprida e uma imagem pintada da deusa Hathor, representada na figura de uma vaca. A inscrição acima da deusa diz “Hátor, a principal de Tebas, senhora do céu, mestra dos deuses”. Abaixo da deusa, há uma inscrição que na primeira linha traz o título *Senhora da Casa* e o nome da mulher “-imentet” que oferece a túnica como oferenda a deusa, segundo os curadores da peça (Pinch, 1993; Strudwick, 2006).

Além desse tipo de fonte, há outras possíveis maneiras de perceber a atuação das *Senhoras da Casa*, já que, a partir da diversidade das habitações, da complexidade do material arqueológico, e apesar das representações imagéticas demonstrarem que as mulheres estavam ligadas ao privado, as evidências materiais revelam outra coisa (Silva, 2024). No geral, até este ponto, vimos as mulheres sendo representadas como mães, esposas e, com menos frequência, como irmãs, o que pode sinalizar que socialmente era vista segundo a sua atuação dentro do círculo familiar. Entretanto, não significa que possuíam um papel secundário dentro das suas casas (2024, p. 3). Thais Rocha da Silva, em um artigo publicado junto com outros autores, menciona que

Os estudos sobre espaço doméstico no Egito antigo fizeram parte, durante muitos anos, da pauta dos estudos de gênero a partir da ideia de que a vida cotidiana era centralizada na casa. Na tentativa de dar visibilidade às mulheres, a casa se tornou o local da experiência universal feminina. (Rodrigues et al, 2019, p. 295).

Porém, é importante frisar que, como já vimos no capítulo anterior, as antigas egípcias eram negociantes, proprietárias, herdaram bens familiares, assim como estavam presentes em diferentes esferas da sociedade, sem necessariamente ser acompanhada de figura masculina. A ideia da mulher associada à casa pode estar ligada à interpretação ocidental das fontes egípcias. De acordo com Thais Rocha da Silva, essa problemática é de ordem conceitual. Primeiramente, não há possibilidade de fechar o espaço doméstico em apenas um tipo de habitação, posto que há infinidade de formas de moradias, bem como diferenças sociais. Outrossim, não podemos ignorar que a maior parte da historiografia sobre as mulheres no Antigo Egito foi produzida a partir da análise de documentos textuais, que trazem suas representações femininas ligadas às camadas sociais mais privilegiadas. Além disso, esses estudos também são reflexos da visão de mundo européia, que delineou a interpretação contemporânea das vivências dentro desse ambiente doméstico (Silva, 2018; Silva, 2020 apud Silva, 2024, p. 3-4)

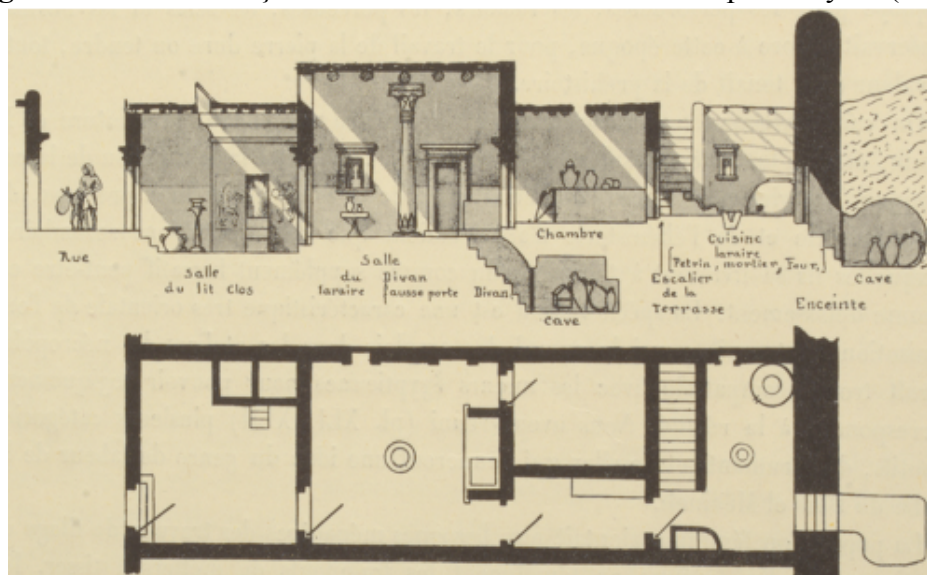
Portanto, devemos ter em mente que, a partir do pressuposto das diferenças sociais, os modos de habitar são múltiplos e variam de acordo com as singularidades dos locais e da situação socioeconômica de cada casa; assim como refletir que “habitar deve ser visto sempre

como um processo e não um dado fixo” (Silva, 2024, p. 5). A autora ainda nos conta que há um paradoxo na pesquisa arqueológica, já que há um esforço em perceber as particularidades dos artefatos, mas também o trabalho em estabelecer tipologias para essas habitações. Ela destaca, por exemplo, que essas tipologias dependem “sobretudo da regularidade das formas arquitetônicas: tamanho e número de cômodos, localização de estruturas (escadas, fornos), acessos e elementos decorativos”, sendo notável em casas estatais, mas não se encaixam em outros tipos de moradias (2024, p. 5-6). Para ilustrar as casas das vilas operárias, temos acesso ao modelo de Bruyère (1939, p. 50; 15) (imagens 20 e 21), que, segundo Thaís Rocha, trouxe alguns problemas para a “conceitualização espaço residencial egípcio e o entendimento da vida doméstica” (Silva, 2024, p. 6), posto que

Seguindo o modelo de Bruyère, as pesquisas deram destaque à unidade habitacional, espelhando a casa egípcia no modelo ocidental e descrevendo-as com termos como ‘cozinha’, ‘quarto’ e ‘sala de estar’. No caso de Deir el-Medina, Bruyère utilizou uma série de termos franceses para descrever estruturas e cômodos, que nada dizem respeito ao modo de viver no Egito.

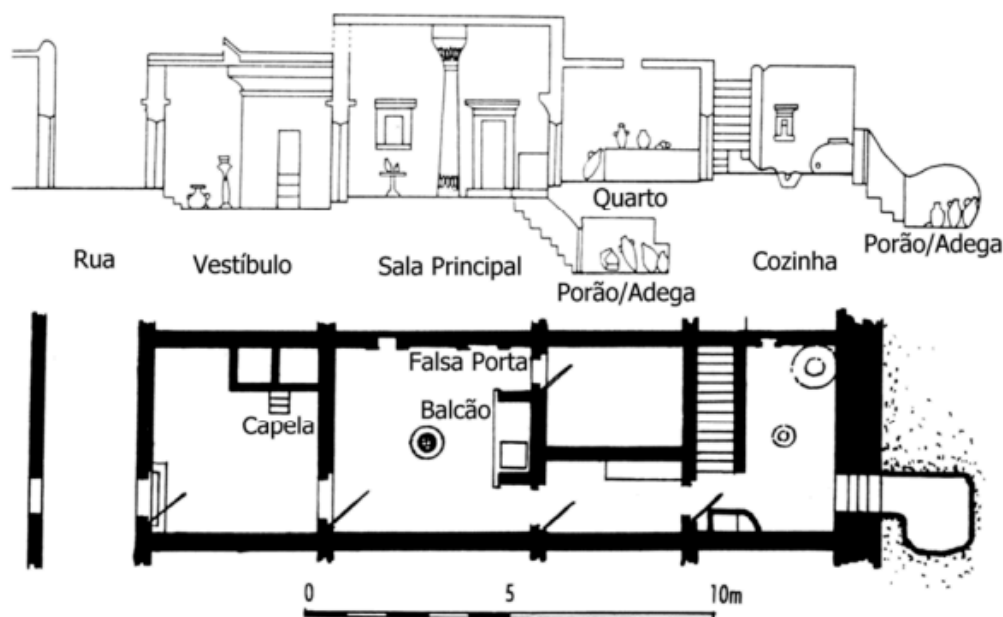
A divisão dos cômodos também refletia uma divisão sexual do trabalho, classificando os espaços como masculinos ou femininos (Kemp, 1987b; 2012; Meskell, 2000; 2002; Spence, 2004). A descrição detalhada do espaço interno das casas e a disposição dos objetos foram usadas para determinar funções específicas para cada cômodo. As residências eram examinadas como unidades isoladas e autônomas, com cada cômodo definido por suas funções e gêneros específicos, destacando uma clara separação entre os diferentes espaços e atividades. Este modelo projeta para o vestígio arqueológico o modelo da ‘casa de bonecas’ (Rocha, 2020; 2023) [...] (2024, p. 6)

Figura 20 - Reconstrução de uma casa em Deir el-Medina por Bruyère (1939).



Fonte: Silva, 2024, p. 13.

Figura 21 - Reconstrução de uma casa em Deir el-Medina por Bruyère (1939), traduzido por Haydée Oliveira (2005), a partir de uma adaptação de Gay Robins (1996).



Fonte: Oliveira, 2005, p. 76.

No final das contas, Thaís Rocha enfatiza que esse plano não bate com a realidade das residências do sítio arqueológico de Deir el-Medina (2024, p. 13). Os estudos mais recentes procuram respostas, tanto pela análise dessas casas, como também pela documentação deixada nelas, ou sobre seus proprietários, procurando evidenciar tanto a organização da moradia, como da família. Como exemplo, temos os vestígios deixados sobre a casa de Heqanakht, um oficial do Reino Médio, que indicam 18 pessoas convivendo em sua casa, entre eles, seus familiares, trabalhadores e servas (Silva, 2024, p. 3). Característica comum às casas da população mais privilegiada. Em contrapartida, esse tipo de informação fica mais difícil em se tratando das habitações da vila operária de Deir El-Amarna⁶², pela falta de documentação textual. Thaís Rocha pondera que

[...] as evidências materiais da vila são mais complexas e tomar as casas como unidades separadas não explica o modo como as pessoas viviam na comunidade. Assim, é preciso desconstruir a casa como principal elemento da vida e doméstica e a ideia de que ela é a principal unidade de produção (Rodrigues et al, 2019, p. 296).

Com esse impasse, a Egiptologia procura por outras alternativas para a análise, como por exemplo, “tentar compreender o papel dos indivíduos nesses espaços” (Silva, 2024, p. 7).

⁶² Diferentemente da vila de operários de Deir el-Medina. Em sua tese, Haydée Oliveira faz uma análise interessante sobre os cômodos, a mobília, a alimentação, as vestimentas, entre outros detalhes das moradias e cotidiano na vila, a partir das estruturas habitacionais, assim como da rica documentação escrita (2005, p. 69-89).

Não à toa, é nesse cenário, em meio a todas as nuances da pesquisa arqueológica apresentadas, que a mulher, *Senhora da Casa*, estava inserida, sempre graciosa, sempre à moda, com seu belo penteado, ela procurava manter-se calma e alegre, pois “uma mulher alegre é um dom precioso” (Noblecourt, 1994). Sempre cuidando bem de seu esposo, tocando-lhe sua harpa, perfumando sua casa, zelando pelo seu lar, com os cuidados domésticos. Supera-se com as refeições que prepara, que todos admiram, não só pelo cuidado, mas também pela sua beleza e boa educação (Noblecourt, 1994, p. 297-298).

É a partir de sua figura que procuramos compreender alguns aspectos que permeiam as vivências cotidianas dos antigos, um deles tem relação com a religiosidade. Sabemos que a vida dos antigos egípcios girava em torno das suas crenças em seus deuses e na procura pela *maat*. Não distante deles, estavam as mulheres mesopotâmicas, que possuíam um papel fundamental na manutenção da religião em suas casas. Temos acesso a essa informação através das correspondências de mulheres, encontradas na Anatólia central, trocadas com seus esposos comerciantes. Nessas cartas, elas chamam a atenção de seus maridos, irmãos e cunhados sobre seu modo de vida e reclama de sua negligência com seus deuses: “Aqui, nós consultamos as interpretadoras, as adivinhas e os espíritos; o deus Assur não cansa de te prevenir: tu amas (demais) o dinheiro e desprezas tua vida!” (Michel; Lion, 2005, p. 20). Em suas mensagens para seu marido, Lamassî adverte-o, pois ele tem o dever de consagrar sua filha aos deuses: “Para Pūšu-kēn diz. Assim [fala] Lamassî: (...) A pequena [Aḫaḫa] cresceu muito. Parte e vem [para a cidade de Aššur]. Coloca-a na frente [do deus] Aššur” (CCT 3, 20); (“e abraçar os pés de teu deus”)) (Fattori, 2020, p. 121).

Parafraseando a assirióloga Cécile Michel (2017), Anita Fattori nos conta que ao enviar uma filha ao sacerdócio, além da ligação com a religião, significava que a família possuía prestígio social. No Antigo Egito, segundo Júlio Gralha, era comum que damas da corte encomendassem estelas votivas e funerárias para determinados cultos e oferendas (2012, p. 194), o que nos leva a crer que a mulher também tinha ligação com a manutenção do culto aos familiares falecidos⁶³, assim como das crenças religiosas vivas dentro de suas casas. Ainda sobre as mães mesopotâmicas, a documentação revela que ela é tratada com honras e respeito, assim como é responsável pela educação de seus filhos, que “quando crescidos, os filhos partem com seus pais para aprender seu ofício; as filhas permanecem por mais tempo junto à sua mãe” (Michel; Lion, 2005, p. 19-20).

⁶³ Para saber mais sobre o culto aos parentes falecidos, ver: Mota, 2018.

Entre os egípcios, o respeito pela mãe também se fazia presente, na literatura do Reino Novo, o escriba Ani⁶⁴, em uma de suas máximas, dizia

**Retribua em dobro a comida que sua mãe lhe deu,
Sustente-a como ela sustentou você;**
Ela teve em você um fardo pesado, mas ela não o abandonou.
Quando alguns meses depois de você ter nascido,
Ela ainda o tinha como sua canga.
Seus seios em sua boca por três anos.
Como você crescia seu excremento ficava nojento,
Mas ela não se enojava, dizendo: - O que podemos fazer?
Quando ela mandou você à escola,
E você foi ensinado a ler e a escrever,
Ela ficou vigiando você diariamente,
Com pão e cerveja na sua casa.
Quando você como um jovem tomar uma mulher.
E você se estabelecer na sua casa,
Preste atenção no seu produto,
Faça-o crescer como fez sua mãe.⁶⁵

Enquanto que PtahHotep aconselhava aos egípcios a cuidarem bem de suas esposas e sempre buscarem a paz, Ani, por sua vez, ensinava que o bom homem deveria escolher bem sua esposa, ter filhos com ela, e cuidar deles, assim como sua mãe o fez, aquela que o carregou nos braços, amamentou-o e zelou por sua educação. Era essa a recomendação para os homens, em um ato de procura por uma sociedade idealizada. Miriam Lichtheim nos conta que Ani se apresenta como “homem comum”, “fazendo-se entender e agradando aos que tem, apenas algumas posses e uma educação mediana” (1974, p.135 apud Bakos, 2009, p. 39), ou seja, é provável que suas instruções chegassem às camadas mais pobres, assim, construindo uma representação clara acerca da imagem e atuação sociais da mulheres, a qual solidifica as atitudes que a sociedade terá em relação a elas, que aparecem alternadas entre aquela que é causadora “de todos os males e o motivo do equilíbrio e felicidade familiar” (Silva, 2012, p. 73). O papel construído nessa literatura para a mulher egípcia é de boa esposa, senhora de sua casa, mãe dedicada.

Não à toa, a Dama Mut, cujo nome significa “a mãe”, ao dar a luz a uma filha, dedica-se de corpo e alma à criação da menina. Na condição de *Senhora da Casa*, ela vai ao mercado e cumpre com suas obrigações, carregando sua filha, com zelo, educando-a o melhor possível. É desse modo que Christian Jacq, em sua literatura, narra a história da mãe e da *Senhora da Casa*, pontuando que o papel da mãe é ensinar os filhos a escutar aqueles que os querem passar ensinamentos, como o escriba Ani (Jacq, 1998, p. 210-212). A Dama Mut busca dar à filha uma educação que a coloque em especialidades ligadas às deusas Hathor e

⁶⁴ Ani foi um escriba do Reino Novo, provavelmente escreveu durante a XVIII Dinastia (Bakos, 2009, p. 39).

⁶⁵ Máxima 38, das instruções de Ani (Bakos, 2009, p. 40, grifos nossos).

Neit, para que, no futuro, ela possa trabalhar em um templo. Além disso, a mãe precisava passar para sua criança o conhecimento e o respeito pela *maat*, a ordem eterna. A menina deverá sempre buscar a verdade

detestar a mentira, evitar os excessos e as paixões destrutivas, não se julgar o centro do mundo, praticar a solidariedade, saber ouvir, saborear as virtudes do silêncio e falar sabendo o que diz, respeitar a palavra dada, não reagir ao mínimo impulso vindo do exterior, reconhecer em todas as coisas a presença do sagrado e do mistério e tentar ser reta (1998, p. 212).

Ser mãe no Antigo Egito também configurava um outro papel crucial para a construção social. Falamos da matrilinearidade. Essa palavra denota à descendência familiar dada pela figura materna. E no Antigo Egito, segundo Barbara Watterson, a matrilinearidade garantia o trono egípcio. Nas palavras da autora

A tradição da matrilinearidade também explica o porquê, apesar dos reis egípcios aceitarem princesas estrangeiras como esposas, princesas egípcias não serem usadas para realizar alianças políticas pelo casamento – isso servia para impedir que governantes estrangeiros reclamassem o trono egípcio (1998, p. 23-24 apud Balthazar, 2011, p. 8)

Isso explica o porquê dos casamentos consanguíneos - exclusivo da realeza -, posto que era necessário que o herdeiro fosse filho do faraó, mas também de uma princesa de sangue real, por isso a frequência de casamentos entre irmãos, e até mesmo entre pais e filhas (Cardoso, 1982, p. 62 apud Caria, 2013, p. 101). Para exemplificar, entre os acontecimentos que se seguiram após a Reforma de Amarna, estava a disputa em torno do trono egípcio. Um dos interessados era o general Horemheb, que por não ter linhagem real e para legitimar sua ascensão ao poder, casou-se com Mutnedjmet, irmã da rainha Nefertiti, esposa do faraó Akhenaton (Gralha, 2012, p. 191), assim garantiu sua permanência no trono. Essa condição garantiu à mulher a possibilidade de ser ativa nas esferas fora do ambiente privado, já que a matrilinearidade não era apenas para a família real, era mantida por toda a sociedade, quando os filhos eram referenciados pelo nome de sua mãe, por exemplo (Balthazar, 2011, p. 8).

Também nos interessa refletir sobre as relações parentais, que podem ser analisadas a partir de diversas fontes, como as cartas fúnebres, em que pais e filhos se corresponde mesmo após a morte, demonstrando-nos os diversos afetos que rodeavam essa relação⁶⁶. Assim como os testamentos, como o da Dama Naunakhté⁶⁷. Ela tem um objetivo claro: deserdar os seus

⁶⁶ Não nos cabe aprofundarmos sobre as cartas, tendo em vista que as que tivemos acesso datam dos Períodos Intermediários, e pretendemos tratar o Reino Novo. Para saber mais, ver: Bakos, 2009, p. 190-194.

⁶⁷ Conhecemos ela na abertura do primeiro capítulo. Seu testamento se apresenta em quatro documentos: Documento I: P.Ashmolean 1945.75; II e III: P. Deir el-Medina; IV: P.Ashmolean 1945.97 (Silva, 2021, p. 359; Bakos, 2014, p. 41-42).

filhos que não a ajudaram em sua velhice, eram eles Neferhotep, Maenahte, Henshene e Khanub, deixando sua herança para os que estiveram com ela, Maaynakhtef, Qenherkhepeshef, Amunnakht, Wosnakhte, Manenakhte (Silva, 2021, p. 360). Junto ao testamento, também foram encontrados diversos outros documentos, e entre eles estavam as Instruções de Ani, uma delas era a máxima referida anteriormente. De acordo com Bakos, os papiros serem encontrados juntos, pode ter sido uma forma de tornar o ato de deserdar um exemplo de punição exemplar, “quando uma mulher não é valorizada na condição materna” (2014, p. 43). No âmago das relações parentais, havia contiguidade entre os familiares, o pai, a mãe e os seus filhos, todavia, com os demais parentes, a ligação era mais distante (Coelho, 2007, p. 3). Como senhora de si e da sua Casa, a Dama Naunakhté não temeu e protestou a falta e cuidado que os filhos tinham com ela, punindo-os.

Chegado o Período Raméssida⁶⁸, uma mudança na titulação se faz notável. De acordo com a egiptóloga Thaís Rocha da Silva, principalmente a XX.^a Dinastia, um outro título, já conhecido desde o Reino Médio, tomou forças nas inscrições em óstracas e papiros ligadas ao cotidiano egípcio. A autora pontua que

é possível sugerir que *nht nt niw.t* tenha vindo a substituir *nbt-pr* no Reino Novo, o que leva alguns a argumentar que a nova escolha do título indicaria uma mudança de foco da esfera doméstica da casa (*pr*) para a esfera pública da cidade/vila *niw.t*. (2024, p. 8)

A egiptóloga continua, mencionando que, enquanto ser *Nebet-Per* liga a mulher à casa e ao casamento, a outra titulação a coloca com o status de pessoa legal, dentro das esferas jurídicas, como o tribunal (Silva, 2024, p. 8). Há, portanto, alguns questionamentos em torno da compreensão em relação às titulações não reais dada às mulheres, e isso pode ser entendido quando se percebe, primeiramente, a probabilidade dos estudos egiptológicos terem criado uma “falsa impressão de que as mulheres, gradativamente, tenham sido ‘empurradas’ para o contexto doméstico” (2024, p. 8). Além disso, há uma discordância entre alguns estudiosos acerca do título enquanto indicador de status social, visto que pode ser, ou não. Ao argumentar sobre isso, Thaís Rocha da Silva cita Toivari-Viitala (2001) e o seu estudo sobre as *Senhoras da Casa* em Deir el-Medina. A pesquisadora sugere que a titulação coloca a mulher em um lugar de destaque em sua casa, sem precisar de um homem para validá-la, ao tempo que o casamento ainda é um meio para essa mulher chegar a essa posição (2024, p. 9).

⁶⁸ Compreende as XIX.^a e XX.^a Dinastias.

Em suma, *Nebet-Per* também pode ser traduzido como “proprietária de uma casa”, aquela que coordena diversos espaços dentro de sua casa, tem direito à herança, ser tutora dos bens de seu esposo (2024, p. 8), assim como outros direitos que veremos a seguir.

3.3. Existindo como mulheres de direitos e deveres, como a Dama Naunakhté

O estatuto jurídico e legal das mulheres egípcias aparece em diversos documentos. Não nos cansamos de citar o testamento da Dama Naunakhté, tendo em vista a riqueza de detalhes da condição feminina que ele nos mostra. Nas pesquisas de Jaroslav Cerny (1945), ele analisa a vida da Dama e descobre que ela teve um primeiro casamento, sendo seu esposo um escriba chamado Kenhikhopshef (Bakos, 2002; 2014). Um homem de posses, que ao falecer, deixa a Dama como única herdeira, já que não tinham filhos. Margaret Bakos menciona que

Uma consideração final sobre os desdobramentos da vontade de Naunakhte se impõe e versa sobre sua auto-apresentação – “uma mulher livre que dispõe de seus pertences”. É importante chamar a atenção para o grau de força e de singularidade desse discurso naquela sociedade (2002, p. 13).

Ao mesmo tempo, concordamos com a leitura de Ciro Flamarion Cardoso (2003a), feita por Gregory Balthazar, quando Cardoso pontua que é quase um “lugar-comum” dizer que a mulher egípcia, em seus direitos e deveres, era privilegiada quando comparada à condição feminina em outras sociedades antigas. Contudo, ele reforça que de um lado tem-se a expectativa, mesmo que teoricamente estabelecida nas fontes, do outro, “a possibilidade de exercê-la” (Balthazar, 2011, p. 11). Todavia, isso não exclui, como vimos nas histórias das mulheres ao longo do nosso trabalho, que elas se esbanjassem desses “privilégios”. Vimos, por exemplo, que a Dama Rennefer foi adotada para ter direito exclusivo à herança de seu esposo, partilhando, de certo modo, suas riquezas com aqueles de seu convívio. Parece-nos que ser herdeira de um testamento ou possuí-lo não é peculiar - mas não é uma regra - às mulheres na antiguidade. Na Mesopotâmia, na cidade de Nuzi, por exemplo, temos o testamento de Pekushe, que viúva, divide seus bens, herdados de seu esposo, com seus filhos (Michel; Lion, 2005, 18).

As autoras Brigitte Lion e Cécile Michel também nos contam sobre um caso conturbado de divórcio, presente na documentação mesopotâmica. Ocorre que um morador de Nippur se queixa de sua esposa e vai à assembleia da cidade para reclamar:

Erra-malik desposou Ishtar-ummî. Em primeiro lugar, ela roubou seu celeiro. Em segundo lugar, ela fez uma abertura em seu jarro de óleo e a cobriu com uma veste

(para dissimular sua falta). Em terceiro lugar, ele a pegou sobre um homem; ele a prendeu na cama ao corpo do homem. Ele a levou diante da assembléia. A assembléia, devido ao fato de que um homem foi pego sobre ela, decidiu que ele (o marido) não pagará sua indenização de divórcio (2005, p. 12)

Como punição, a mulher foi vestida de prostituta, teve seu sexo raspado e um cravo atravessado em seu nariz, sendo conduzida pela cidade, para que todos a vissem (2005, p. 12). No Antigo Egito, o divórcio também era um direito para os homens e para as mulheres (Noblecourt, 1994, p. 252). As causas eram diversas, como o adultério, a infertilidade, assim como a incompatibilidade de gênio. O lado que sofria o pedido ganhava uma indenização, correspondendo até $\frac{1}{3}$ das propriedades do outro lado, somando ainda às penalidades do divórcio, mais comum quando a parte lesada era a mulher (Gralha, 2012, p. 193).

Para além dos direitos e deveres em torno do divórcio, vimos que as mulheres egípcias também comercializavam. Flamarion Cardoso (2003b) nos apresenta um caso interessante, que ocorreu no durante o reinado de Ramsés II (c.1275 aEC), no Reino Novo, de uma mulher chamada Iri-Nefert, que comprou uma escravizada. Sabemos do acontecido através de um processo legal, em que descobrimos que o preço da escravizada era em peso de metal, mas Iri-Nefert pagou com algumas mercadorias. Contudo, um soldado a acusa, alegando que essas mercadorias seriam de outra mulher chamada Bak-Mut, ou seja, Iri-Nefert teria se apossado ilegalmente desses itens.

Dito pela mulher Iri-Nefert: - [Quanto a mim, eu sou esposa do Superior do Distrito Si-Mut], eu vim morar nesta casa, e eu trabalhei e [teci] e cuidei de minhas(próprias) roupas. No ano 15, sete anos depois de entrado na casa do Supervisor do Distrito Si-Mut, o mercador Raia aproximou-se de mim com uma escrava síria (...) [e ele] me disse: ‘- Compra-me esta menina e dá-me o preço por ela’ – assim ele me disse. E eu tomei a menina e lhe dei [o preço] por ela. [...] E eu os dei ao mercador Raia, e neles nada havia que pertencesse à mulher Bak-Mut. E ele me deu esta menina, e eu a chamei pelo nome de Gemni-her-imentet (Cardoso, 2003b, p. 95-96).

Além do comércio, outro ponto interessante levantado por Cardoso, em sua análise, tem relação com os pesos e medidas no Antigo Egito, dando-nos a possibilidade de saber como funcionava a moeda de troca entre os egípcios. Frente a isso, sabemos, por meio da pesquisa de Christian Jacq, por exemplo, que as mulheres que executavam algum ofício recebiam pagamento pelo seu trabalho, proporcionando-as comprar escravizados, ou possuir outros bens, até mesmo propriedades (1998, p. 256). O caso da Dama Iri-Nefert foi de furto, assim como o caso Dama Héria, que nos permite conhecer mais sobre as consequências deste crime.

Sendo assim, durante o reinado de Sétí II (c. 1200 aEC), em Deir el-Medina, sabia-se que se apossar dos bens alheios era uma grave falta. Certo dia, um dos operários da vila, chamado Nebnefur, chegou ao tribunal para acusar a Dama Héria de ter lhe furtado um item de valor que ele escondeu em sua residência (Jacq, 1998, p. 257). A corte interroga a mulher: “Você roubou o instrumento de Nebnefur? Verdadeiro ou errôneo?” Ela responde: “Não, eu não roubei”. O tribunal a pede que jure perante Amon, e ela assim o faz. Mas a corte não se contenta com a resposta dela, e, ao vasculhar sua casa, descobre o objeto que ela havia furtado, além de outros utensílios ritualísticos de um templo local. Ela é condenada a uma pena capital, mas não sabemos o que houve com ela, já que, como a corte não poderia executar a pena, seu caso foi enviado ao vizir (Bakos, 2014, p. 48). A Dama Héria, além do furto, também cometeu sacrilégio e falso juramento, revelando que o tribunal de Deir el-Medina não era tolerante com criminosos, sempre à procura de puni-los a fim de manter a ordem.

Em linhas gerais, até este ponto passamos pelo casamento e relacionamento conjugal. Também analisamos a atuação das *Senhoras da Casa*, finalizando nosso capítulo, refletindo sobre alguns casos, em que parece-nos que o sistema jurídico foi, de certo modo, efetivo com o cumprimento dos direitos e deveres sociais das mulheres egípcias. Seguimos, portanto, a uma outra história, aquela que fecha este texto, considerando alguns apontamentos sobre o ser mulher no Antigo Egito.

CONSIDERAÇÕES

Caros leitores,

Até o presente momento, conhecemos a Dama Naunakhté, a Dama Ankhiry, a Dama Red-Djedet, a Dama Rennefer, a Dama Iri-Nefert, e outras mulheres ímpares em suas histórias. Conhecemo-las através de pesquisadoras como Thais Rocha da Silva, Haydée Oliveira, Bárbara Watterson, Margaret Bakos, Christiane Noblecourt, e diversas outras, assim como por pesquisadores que se debruçam nas histórias dessas mulheres, como Flamarion Cardoso, Christian Jacq, Júlio Gralha, etc. Vivemos, ao longo desta pesquisa, diversas sensações, que nos encorajaram a seguir firmes, pois ler e escrever sobre essas figuras femininas nos despertou as experiências que marcaram nossa trajetória acadêmica, aquelas que nos trouxe até estas considerações.

Com a Dama Naunakhté, abrimos o primeiro capítulo, pois sua história revela a importância dos estudos realizados em torno da História das Mulheres, enquanto metodologia para trazer até nós vidas e experiências cotidianas das mulheres egípcias, como as *Senhoras da Casa*, marcando gerações de estudos e títulos publicados, que traçam análises e registram os enredos de suas vivências. No segundo capítulo, com a Dama Red-Djedet, através de seu parto, podemos perceber como essas mulheres vieram ao mundo, e, a partir do ato de viver, passaram por todas as esferas que puderam dentro da sociedade egípcia, registradas nas paredes dos templos, das tumbas, nos papiros e nas esculturas, representadas em todas as suas formas, sob o olhar do homem e sob o seu próprio olhar. Amada, desejada, zelada, como a Dama Ankhiry, no terceiro capítulo, passamos pelas casas dessas mulheres, pelo seu casamento, assim como pelo seu relacionamento com seus filhos, finalizando com o status jurídico dessas mulheres que, diante dos tribunais, exigiram seus direitos ou cumpriram seus deveres diante da justiça dos homens e da divina. Como nos conta Christian Jacq

As egípcias conheceram um mundo em que a mulher não era nem adversária nem rival do homem. Um mundo que lhes permitia desabrocharem como esposas, mães, trabalhadoras e iniciadas nos mistérios do templo sem perderem a sua identidade a favor do homem. Um mundo em que o domínio do sagrado lhes era acessível na sua totalidade (2000, p. 317-319)

Foi despertada a curiosidade, e, ao longo deste trabalho, procuramos investigar sobre a condição feminina dentro da complexa teia de relacionamentos em que estavam inseridas, no que diz Margaret Bakos, para nos auxiliar a “compreender como e por que essas relações se alteraram ao longo da história da humanidade” (2009, p. 53). E nossas investigações, até aonde podemos ir, levou-nos a uma imersão nas vivências das mulheres egípcias, assim como

em perceber as nuances do ser *Nebet-Per*, ou a *Senhora da Casa*, nessa sociedade. Notamos, a partir da historiografia analisada, que a titulação era dada às mulheres casadas, mas que não as restringia aos serviços domésticos, englobando diversas outras atividades cotidianas, que as colocava como figura central na administração da sua casa, sendo responsáveis pela alimentação, educação dos filhos, organização dos servos, objetivando o bem-estar de sua família. As fontes nos contaram que as representações deixadas sobre as *Senhoras da Casa*, produzidas em quase sua totalidade pela elite intelectual masculina, portanto, sobre as classes altas, resultaram em uma arte, seja ela iconográfica ou literária, que reflete o cotidiano e vivências das mulheres da elite, logo, dificulta-nos o acesso a informações mais precisas da titulação nas classes mais baixas, já que o “espinhoso problema das fontes” (Perrot, 1995), neste caso, é uma realidade.

E a sensação que nos marca é aquela que nos instiga a busca de mais saberes sobre essas ricas figuras históricas, mulheres egípcias, seres dotados de historicidade, pois há múltiplas possibilidades para se pensar sua atuação ao longo da trajetória do Antigo Egito. Ainda há muitas histórias a serem contadas, estas são apenas algumas delas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALTHAZAR, Gregory da Silva. O Feminismo e a Igualdade de Gênero no Antigo Egito: Uma Utopia da Emancipação Feminina. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH**, São Paulo, julho, 2011.
- BAKOS, Margaret M. **Fatos e Mitos do Antigo Egito** / Margaret Marchiori Bakos. - 3.ed., 1. reimpr. - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.
- BAKOS, Margaret M. Relações Familiares em Deir el-Medina. **Phoînix**, Rio de Janeiro, 2, p. 153-167, 1996.
- BAKOS, Margaret M. Relações nem sempre amistosas: os egípcios e os seus mortos. **Clássica**, São Paulo, 7/8: 15-24, 1994/1995.
- BAKOS, Margaret M. Um testamento materno em tempos faraônicos. **Justiça & História**, Porto Alegre, v.2, n. 3, 2002.
- BAKOS, Margaret. Desdobramentos de um Desejo. In: FUNARI, Pedro Paulo A.; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson José da [org.]. **Amor, desejo e poder na Antiguidade: relações de gênero e representações do feminino**. – São Paulo: Fap-Unifesp, 2014.
- BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História**: da escolha do tema ao quadro teórico. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. **Revista de Teoria da História**. Goiás, Ano 1, n. 3, 2010.
- BRANCAGLION JUNIOR, Antonio; FACURI, Cintia Prates. Os Contos do Papiro Westcar Papiro Berlim 3033. In: **Tiraz: revista de estudos árabes e das culturas do Oriente Médio** / Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe. Departamento de Letras Orientais, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. -Ano 1 (2004) -. - São Paulo: FFLCH/USP, 2010-
- BRUYÈRE, Bernard. **Rapport sur les fouilles de Deir El Médineh (1934-1935)**. Troisième partie. Le village, les décharges publiques, la station de repos du col de la Vallée des Rois. Le Caire: Institut français d'archéologie orientale, 1939.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. Gênero e Literatura Ficcional: O Caso do Antigo Egito no 2.º Milênio a.C. In: FUNARI, Pedro P; FEITOSA, Lurdes. C. **Amor, Desejo e Poder na Antiguidade**. Campinas: Editora UNICAMP, 2003a, pp. 49-94.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **O trabalho compulsório na Antiguidade**: ensaio introdutório e coletânea de fontes primárias / Ciro Flamarion Cardoso - Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003b.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. **O Egito Antigo**. 1.ª edição - Editora Brasiliense, 1982.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Sete olhares sobre a antiguidade** / Ciro Flamarion Cardoso S. 2.ª ed. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1998.
- CARIA, Thamís Malena Marciano. Aspectos da condição feminina no antigo Egito. **Revista Mundo Antigo** - Ano II, v. 02, n.º 01, junho, 2013.

CARVALHO, Tânia. **Um Mergulho para o Alto**. João Pessoa: Manufatura, 2002.

CARVALHO, T. **O Mito de Osíris e o Festival de HaKer**. João Pessoa: AD'OR, 2017.

CERNY, Jaroslav. The Will of Naunakhte and the related documents. **Journal of Egyptian Archaeology**, Londres, 1945, p. 30-53.

CHAPOT, Gisela. **A família real amarniana e a construção de uma nova visão de mundo durante o reinado de Akhenaton (1353-1335 a.C.)** / Gisela Chapot. – 2015. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense.

CHAPOT, Gisela. **O senhor da ordenação: um estudo da relação entre o faraó Akhenaton e as oferendas divinas e funerárias durante a Reforma de Amarna (1353-1335 a. C.)** / Gisela Chapot. – 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense.

COELHO, L. C. A Organização Familiar no Antigo Egito: um Estudo Através de Fontes do Reino Médio (2040-1640 a.C.). In: **VII Jornada de História Antiga: Vida, Morte e Magia no Mundo Antigo**. Rio de Janeiro : Editora da UERJ, 2007. v. 1. p. 97-104.

COELHO, Liliane Cristina. ANKHIRY. In: SILVA, S. C.; BRUNHARA, R. & VIEIRA NETO, I. **Compêndio Histórico de Mulheres da Antiguidade: a presença das mulheres na Literatura e na História**. Goiânia: Tempestiva, 2021. p. 351-355.

COELHO, Liliane Cristina. **Vida pública e vida privada no Egito do Reino Médio (c.2040- 1640 a.C.)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2009.

DENICOL, Karina A. BITTENCOURT, Paulo J. CONDIÇÃO JURÍDICA DA MULHER NA ANTIGA MESOPOTÂMIA: CÓDIGOS DE UR-NAMMU E HAMMURABI. **Revista Internacional Consinter de Direito**, n.º IX, 2.º semestre de 2019.

EYRE, Christopher. The Adoption Papyrus in Social Context. **The Journal of Egyptian Archaeology**. Vol. 78 (1992), p. 207-221.

FATTORI, Anita. ATUAÇÃO DE MULHERES ASSÍRIAS NAS REDES DE COMÉRCIO INTER-REGIONAL DO II MILÊNIO AEC: POSSIBILIDADES DE ABORDAGENS DE GÊNERO NOS ESTUDOS DA ANTIGA MESOPOTÂMIA. **Mare Nostrum**, ano 2020, v. 11, n. 1.

FATTORI, Anita. **Tecendo a trama social: mulheres e redes comerciais no período paleoassírio/Tissage de la trame sociale: femmes et réseaux commerciaux dans la période paléo-assyrienne**. Volume I: Texto. / Anita Fattori; orientador Marcelo Rede; coorientadora Cécile Michel - São Paulo, 2025. Tese (Doutorado)

GRALHA, Júlio. Senhora da Casa, Divindade e Faraó; as várias imagens da mulher do antigo Egito. In: CANDIDO, Maria Regina [org.] **Mulheres na Antiguidade: Novas Perspectivas e Abordagens**. Rio de Janeiro: UERJ/NEA; Gráfica e Editora - DG Ltda, 2012.

HADDAD, Joumana. **Eu matei Sherazade** / Joumana Haddad ; tradução de Dinah de Abreu Azevedo. - Rio de Janeiro : Record, 2011.

JACQ, Christian. **AS EGÍPCIAS: retratos de mulheres do Egito Faraônico**. Trad. Maria Bragança. Portugal: Edições Asa, 1998.

JACQ, Christian. **As egípcias: retratos de mulheres do Egito Faraônico** / Christian Jacq; tradução Maria D. Alexandre. - 4.^a ed. - Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000.

LESKO, B. **The Remarkable Women of Ancient Egypt**. Providence: B.C. Scribe Publications, 1996.

LICHTHEIM, Miriam. **Ancient Egyptian Literature**. Berkeley: University of California Press, 1974.

LION, Brigitte. MICHEL, Cécile. As mulheres em sua família: Mesopotâmia, 2.^o milênio a.C. **Tempo**, Rio de Janeiro, n.º 19, pp. 149-173, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/mk9t9mbFStcDKdFZ3dN5Srd/>. Acesso em: 04/08/2025.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais. **EccoS Revista Científica**, vol. 4, núm. 2, dezembro, 2002, pp. 79-88.

MACHADO, T. **Heka: magia, ideia e personificação**. Uma análise conceitual de Textos Funerários do Antigo Egito. Dissertação (Mestrado em Estudos Judaicos e Árabes)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

MICHEL, C. Economy, Society, and Daily Life in the Old Assyrian Period. In: FRAHM, E. (ed.) **A Companion to Assyria**, 2017, pp. 80–107.

MOTA, Susana. Ancestors' worship at home: An example of texts and material sources working together. **RES Antiquitatis** 1, 2019, p. 45-62.

MOREIRA, Eduardo . Provocação histórica: Mulheres na Antiguidade, com Anita Fattori e Lindener Pareto. **Youtube**. 26 de jan. de 2022, 1hr16min18seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ldnjhcdFA4Q>. Acesso em: 06/08/2025.

MULHERES na Antiga Mesopotâmia. In: SILVA, S. C.; BRUNHARA, R. & VIEIRA NETO, I. **Compêndio Histórico de Mulheres da Antiguidade: a presença das mulheres na Literatura e na História**. Goiânia: Tempestiva, 2021, p. 233-307.

NOBLECOURT, Christiane Desroches. **A mulher no tempo dos faraós**. Tradução: Tânia Pellegrini - Campinas, SP: Papirus, 1994.

OLIVEIRA, Haydée. **Mãe, filha, esposa, irmã**. Um estudo iconográfico acerca da condição da mulher no antigo Egito durante a XIX dinastia (1307-1196 a.C.). O caso de Deir el-Medina/ Haydée Maria Luz Pereira de Oliveira.– Niterói, 2005.

PALMA, Quezia Marques. A Mulher no Egito Antigo: deusas, rainhas e senhoras da casa. **Artigo acadêmico**, [s.l.], 2021.

PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história / Michelle Perrot; tradução Viviane Ribeiro. – Bauru, SP : EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu** (4) 1995, p. 9-28.

PERROT, Michelle. Mulheres públicas / Michelle Perrot; tradução Roberto Leal Ferreira. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PERROT, Michelle; DUBY, George. **História das Mulheres: A Antiguidade (V.1)**. Editora Afrontamento, 1.^a ed., 1990.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Autêntica, 3.^a ed., 2012.

REDFORD, D. (Ed.) **The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt**. Oxford, Oxford University Press, 2001.

REZENDE, Flávia Alonso; DIAS, Renata Serqueira. **A Dança do Ventre como Representação da Identidade Cultural Egípcia: do Antigo Reino ao domínio árabe**. Monografia – Universidade Católica de Santos, Santos, 2019.

ROBINS, Gay. **Women in Ancient Egypt**/Gay Robins. Harvard University Press: Cambridge, Massachusetts. Second printing, 1996.

RODRIGUES et al. História das Mulheres e Estudos de Gênero sobre a Antiguidade: historiografia e pesquisas. In: GUARINELLO, Norberto Luiz et al (Orgs.). **Fronteiras mediterrânicas: estudos em comemoração dos 10 anos do LEIR-MA/USP**. - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

SCOVILLE, Priscila. Senhoras da Casa: Uma visão sobre a importância do feminino na sociedade egípcia da XVIII Dinastia. **Cadernos de Clio**, Curitiba, n.o 5, 2014.

SERPA, Lucia Gomes. **Em busca de Osíris: o Mistério no Antigo Egito** / Lucia Gomes Serpa; orientadora: Maria Thaís Lima Santos. - São Paulo, 2021. Tese (Doutorado)

SILVA, Elisama Lima da; MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. Traçando um diálogo entre História e Literatura: As representações da mulher no Egito Antigo em Um Mergulho para o Alto de Tânia Carvalho. **Anais eletrônicos do I Encontro Discente PPGH/UFPB. “Ensino, saberes históricos e regionalidades 07 e 08 de outubro de 2024.** / Organizadores Alanna Soares de Moraes... [et al.]. - João Pessoa: CCTA/UFPB, 2024.

SILVA, Thaís Rocha da. A Senhora da casa ou a dona da casa? Construções sobre gênero e alimentação no Egito Antigo. **Cadernos Pagu** (39), julho-dezembro de 2012.

SILVA, Thaís Rocha da. A reconstrução das casas egípcias e os desafios de gênero na Egiptologia. **Domínios da Imagem**, vol.18, dezembro de 2024.

SILVA, Thaís Rocha da. **Construtos de gênero no Egito Ptolomaico**: Uma proposta de leitura das cartas gregas e demóticas. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras, São Paulo, 2013.

SILVA, Thaís Rocha da. “LUGAR DE MULHER NÃO É NA COZINHA” REARTICULANDO GÊNERO E ALIMENTAÇÃO NO EGITO ANTIGO. **NEARCO - Revista Eletrônica de Antiguidade**, Ano VII, n.º I, 2014.

SILVA, Thaís Rocha da. Naunakhte. In: SILVA, S. C.; BRUNHARA, R. & VIEIRA NETO, I. **Compêndio Histórico de Mulheres da Antiguidade: a presença das mulheres na Literatura e na História**. Goiânia: Tempestiva, 2021. p. 357-362.

SILVA, Thaís Rocha da. Novas abordagens sobre a arqueologia da casa na Vila de Trabalhadores em Amarna. **Roda da Fortuna**, v. 9, n. 2, p. 25–47, 2020.

SILVA, Thais Rocha da. Reassessing models in gender and domestic space in New Kingdom workmen's villages. In: GARCIA-VENTURA, Agnes; BUDIN, Stephanie L.; MILLET ALBÀ, Adelina; CIFARELLI, Megan. (Orgs.). **Gender and methodology in the ancient Near East: approaches from Assyriology and beyond**. Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona, 2018, p. 299–312.

SILVA, Wanderson Alberto da. **História, a gente aprende vivendo** : o ensino da história egípcia entre a prática em sala de aula e a proposta curricular do novo ensino médio da Paraíba (2016-2021) / Wanderson Alberto da Silva. - João Pessoa, 2023. Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. **Domínios da história** : ensaios de teoria e metodologia/ Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). - Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres e História de Gênero: Um depoimento. **Cadernos Pagu** (11), p. 77-87, 1998.

SOLIMAN, Daniel. New Kingdom Hieratic Texts in the Collection of the Rijksmuseum van Oudheden in Leiden. In: **Crossing Boundaries (ed.), New Kingdom Hieratic Collections From Around the World**, Vol. 2, Liège, Presses Universitaires de Liège, 2024 (= *Ægyptiaca Leodiensia*, 13.2), p. 227–248.

SOUSA, Aline Fernandes de. **A MULHER-FARAÓ: REPRESENTAÇÕES DA RAINHA HATSHEPSUT COMO INSTRUMENTO DE LEGITIMAÇÃO (EGITO ANTIGO – SÉCULO XV A.C.** Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

SOUSA, Aline Fernandes de. O papel das mulheres na sociedade faraônica: a igualdade em discussão. **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder** - ST70: Corpo, violência e poder na antiguidade e no medievo em perspectiva interdisciplinar. Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008.

SOUZA, Anna Cristina Ferreira de. **Nefertiti: Sacerdotisa, deusa e faraó** / Anna Cristina Ferreira de Souza. – São Paulo: Madras, 2012.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história** : uma introdução teórico metodológica. / Losandro Antonio Tedeschi. – Dourados, MS: Ed. UFGD, 2012.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na História das Mulheres. **Raído**, Dourados, MS, v.10, n.21, jan./jun. 2016.

TOIVARI-VIITALA, Jaana. K. **Women at Deir el-Medina**: a study of the status and roles of the female inhabitants in the workmen's community during the Ramesside Period. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 2001.

TYLDESLEY, Joyce. **Daughters of Isis: Women of Ancient Egypt**. Digital Editor: epubdroid, 1994.

TYLDESLEY, Joyce. **Hatchepsut: The Female Pharaoh**. PENGUIN BOOKS, 1998.

TYLDESLEY, Joyce. **Nefertiti: Egypt's Sun Queen**. PENGUIN BOOKS, 2005.

VAN BLERK, Nico. The Contribution of Papyrus Ashmolean Museum 1945.96 (Adoption Papyrus) to our Understanding of the Ancient Egyptian “Testamentary Disposition” and Succession Law. **Journal for Semitics** - Vol. 29, n. 2, 2020.

WATTERSON, Barbara. **Women in ancient Egypt**/Barbara Watterson. St. Martin's Press: New York, 1991.